

MEERLON

ANO I

#5 JUL. 89





Ano I Número 5 Julho 1989

EDITORES: Marcello Simão Branco & Renato Rosatti

Colaboradores: Jeremias Morenu, Jorge Luiz Calife, Ivo Luiz Heins, Kelicler Toledo e Roberto de Sousa Causo

Colaboram nesta edição: César R.T. Silva, Éder Scarrot, Gilberto Schoereder e Miguel Carqueija

editorial

Por MARCELLO SIMÃO BRANCO

Há exatos 20 anos o Homem realizava seu maior feito científico. Quando Armstrong e Aldrin pisaram na Lua, era uma vitória da capacidade e inteligência humana em vencer e superar desafios. Abria-se uma nova perspectiva de progresso para os seres humanos.

Passadas duas décadas, é questionável o progresso que trouxe este feito. Na verdade ele foi desperdiçado, pois seus reais motivos não eram o progresso e bem comum da humanidade.

Em apenas uma década colocou-se homens na Lua. Vinte anos depois, nenhuma meta foi mais atingida. Se a "corrida" tivesse continuado e se us objetivos realmente fossem respeitados, teríamos hoje, sem dúvida uma colônia na Lua e homens em Marte.

"Um pequeno passo para um homem, um gigantesco salto para a Humanidade". Neste julho de 89, esta frase de Neil Armstrong nos serve de reflexão do que foi o ex-habitante das cavernas chegar à Lua que tanto glorificava.

Esta edição é dedicada aos amantes do desconhecido, e a todos que tornaram possível o sonho de ficção científica. Júlio Verne, K.Tsiolkovski, Goddard, Von Braun, William Pickering, Yuri Gagarin, Alexey Leonov, John Glenn, Neil Armstrong, Edwin Aldrin, Michael Collins e muitos outros não menos importantes, que me fogem à memória, e que estarão na eterna lembrança dos que confiam na capacidade humana em superar desafios e conquistar o desconhecido.

Nesta edição temos ainda a estréia de mais duas seções fixas: "Ciência" e "FC Br". Nossos agradecimentos pelo apoio e críticas que temos recebido, e que tem feito de MEGALON um fanzine viável no escasso mercado do fandom nacional. Temos muitas falhas a corrigir e será com a ajuda sua leitor, que as minizaremos.

Vale ainda o registro de em apenas oito meses, termos recebido no prestigioso Prêmio Nova (versão 88), o terceiro lugar à frente de tradicionais zines. Isso nos enche de motivação para melhorarmos sempre aumentando nossa responsabilidade de oferecer um veículo cada vez melhor ao fandom nacional.

Publicação Bimestral. Aceita-se colaborações que ficam sob apreciação da editoria. Os trabalhos, publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem juz a qualquer remuneração. A responsabilidade é dos autores, não sendo necessariamente a opinião dos editores.

Agradecemos a quem, direta ou indiretamente, colaborou nesta edição. Solicita-se a quem queira colaborar, enviar seus trabalhos até dia 10 de agosto.

nesta edição

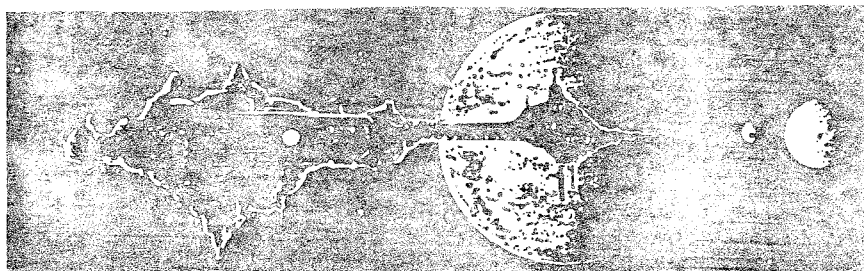
- Capa = Roberto de Sousa Causo	
- Contatos	4
- Diário de Bordo = Roberto de Sousa Causo	
§ Internacional	5
§ Nacional	7
- Science Fiction Report	
§ A Lua Na Ficção Científica = Gilberto Schoereder	9
§ Science Fiction in Brazil = Roberto de Sousa Causo	11
- § Poster HR	13
§ Star Trek - Estudo das Naves da Série I = Omar A.S. Filho	14
- Poster SF	17
- Short Story	
§ Desastre em Chamas = Eder Scarrot	18
§ O Dia da Caça = Miguel Carqueija	20
- Horror Report	
§ The Evil Dead = Renato Rosatti	21
- Ciência	
§ Reflexão de Julho de 1969 = Jorge Luiz Galife	25
- Leitura = Ivo Luiz Heins	27
- FC BR = Jeremias Morenu	29
- Classics	
§ Destino: Lua = Marcello Simão Branco	32
- Quadrinhos	
§ Destino: Lua = César R.T. Silva	34

Endereço para correspondência: Av. Clara Mantelli, 110 04771 S.Paulo
e envio de trabalhos: SP Brasil

Endereço para assinaturas: Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 04773 S.Paulo
SP Brasil

ASSINATURAS: são anuais - 6 edições - no valor de NCz\$ 13,00. Remeter
cheque nominal cruzado em nome de Renato Rosatti.

OBS.: colabora também nesta edição, Omar Albio dos Santos Filho.



CONTATOS

A partir desta edição, estaremos divulgando os contatos e publicações que recebemos. Estamos abertos à troca de fanzines com outros editores, bem como a divulgação de eventos e atividades relacionadas à Ficção Científica, Horror e Fantasia.

LIVROS

SÓ SEI QUE NÃO VOU POR AÍ!, de E.V. Flory. Ficção Científica GRD nº 2, 146 páginas. Coletânea de 13 contos do mais novo autor da FC Nacional. O exemplar pode ser encontrado em livrarias ou diretamente com o autor, no endereço: HVF Rep. Artístico-Culturais, Rua Joaquim Antunes 922/03 CEP 05415 S.Paulo, SP. Ver crítica nesta edição.

FANZINES

HIPERESPACO - THE NEXT GENERATION nº 3 e 4. Publicação do Grupo Rio, sob edição de Sérgio Martins. Temos mantido permanente contato com esse pessoal, que edita um excelente veículo para o fortalecimento da FC nacional. Contos, notícias, literatura, cinema, vídeo, modelismo HQ, ciência, compõe o Hiper, que mantém a tradição do antigo Hiperespaco. Endereço: Rua Faro 7 s 102 22461 Rio de Janeiro, RJ.

TREK LOG nº 0. Edição experimental do novo fã-clubes TREKKER'S CLUB. Pretende ser um zine especializado em Star Trek. Colabore, se associe. Endereço: Caixa Postal 24505 03397 S.Paulo, SP.

ANTARES nº 34. Tradicional fanzine do Clube de Ficção Científica Antares. Editado por Jane Mondello de Souza, traz notícias, artigos e muitos contos. Colabore, se associe. Endereço: Av. Ipiranga 1865 cj.3 90060 Porto Alegre, RS

INFORMATIVO ORCADE nº 3,4,5/6. Fanzine especializado em quadrinhos, cinema e desenhos animados de FC, principalmente japoneses. Editado por Sérgio Peixoto Silva, é mais um boletim informativo de um fã-clubes, Orcade. Eles promovem diversas atividades, como exibição de vídeos e debates sobre desenhos animados, quadrinhos e correlatos. Colabore, associe-se. Endereço: Caixa Postal 7919 01051 S.Paulo, SP.

THE LIGHT SABRE nº 8,9,10 e 11. Fanzine norte-americano que nos foi gentilmente enviado pelo José Carlos Neves (um dos editores do extinto HIPERESPACO). O zine aborda cinema de FC e Fantasia, com destaque para Star Trek - The Next Generation e Star Wars. Endereço: 635 N. Chippewa nº 2 Anaheim, CA 92801 USA.

Esperamos que esta nova seção seja permanente. É um espaço aberto a editores, escritores e fãs que desejam divulgar e promover seus trabalhos e atividades, bem como eventos afins.

DIÁRIO DE BORDO INTERNACIONAL

Por

Roberto de Sousa Causo

NEBULA (foram grifados os vencedores das categorias) 1988

MELHOR ROMANCE

Falling Free, Lois McMaster Bujold (*Analog* de 12/87 a 2/88)

Desert Cities of the Heart, Lewis Shiner.

Drawing Towers, George Turner.

Great Sky River, Gregory Benford (1987)

Mona Lisa Overdrive, William Gibson.

Red Prophet, Orson Scott Card.

The Urth of the New Sun, Gene Wolfe (1987).

MELHOR NOVELA

The Last of the Winnebagos, Connie Willis (IASFM)

The Calvin Coolidge Home for Dead Comedian, Bradley Denton (F&SF)

The Devil's Arithmetics, Jane Yolen*

Journals of the Plague Years, Norman Spinrad (*Full Spectrum*)

The Scalehunter Beautiful Daughter, Lucius Shepard (IASFM)

Surfacing, Walter John Williams (IASFM)

MELHOR NOVELETA

Schrödinger's Kitten, George Alec Effinger (*Omni*)

Do Ya, Do Ya Wanna Dance, Howard Waldrop (IASFM)

Ginny Sweethips Flying Circus, Ned Barrett, Jr. (IASFM)

The Hob, Judith Moffett (IASFM)

Kirinyaga, Mike Resnick (F&SF)

Peaches for Mad Molly, Steven Gould (*Analog*)

Unfinished Portrait of the King of Pain by Van Gogh, Ian McDonald (*Empire Dreams*)§

MELHOR CONTO

Bible Stories for Adults, No. 17: The Deluge, James Morrow (*Full Spectrum*)

The Color Winter, Steven Popkes (IASFM)

Dead Men on TV, Pat Murphy (*Full Spectrum*)

The Fort Moxie Branch, Jack McDevitt (*Full Spectrum*)

Mrs. Shummel Exits a Winner, John Kessel (IASFM)

Voices of the Kill, Thomas M. Dish (*Full Spectrum*)

+GRAND MASTER AWARD:
Ray Bradbury

INDICAÇÕES PARA O HUGO 1989

MELHOR ROMANCE

The Guardsman, P.J. Beese & Todd Cameron Hamilton

Falling free, Lois McMaster Bujold

Red Prophet, Orson Scott Card

Cyteen, C. J. Cherryh

Mona Lisa Overdrive, William Gibson

Islands in the Net, Bruce Sterling

MELHOR NOVELETA

Ginny Sweethips' Flying Circus, Neal Barrett Jr.

Schrödinger's Kitten, George Alec Effinger

The Function of Dream Sleep, Harlan Ellison (*Midnight Graffiti 1*; IASFM;

Peaches for Mad Molly, Steven Gould

Angry Candy)

Do Ya, Do Ya Wanna Dance, Howard Waldrop

MELHOR NOVELA

The Calvin Coolidge Home for Dead Comedians, Bradley Denton

The Scalehunter's Beautiful Daughter, Lucius Shepard

Journals of the Plague Years, Norman Spinrad

Surfacing, Walter John Williams

The Last of the Winnebagos, Connie Willis



RAY BRADBURY

MELHOR CONTO

The Giving Plague, David Brin (*Interzone 23; Full Spectrum 2*)
Stable Strategies for Middle Management, Eileen Gunn (*IASFM*)
Ripples in the Dirac Sea, Geoffrey A. Landis (*IASFM*)
The Fort Moxie Branch, Jack McDevitt (*FULL SPECTRUM*)
Kirinyaga, Mike Resnick (*F&SF*)
Our Neural Chernobyl, Bruce Sterling (*F&SF*)

MELHOR APRESENTAÇÃO DRAMÁTICA

Alien Nation(*Missão Alien*)
Beetlejuice(*Os Fantasmas se Divertem*)
Big(*Quero Ser Grande*)
Who Framed Roger Rabbit
Willow

MELHOR EDITOR PROFISSIONAL

Gardner Dozois (*IASFM*)
Edward L. Ferman(*Fantasy&Science Fiction*)
David G. Hartwell(*The NY SF Review*)
Charles C. Ryan (*Aboriginal SF*)
Stanley Schmidt (*Analog*)

MELHOR ARTISTA PROFISSIONAL

Thomas Candy
David Cherry §*§
Bob Eggleton §*§
Todd Cameron Hamilton
Don Maitz §*§
Michael Whelan §*§

PRÊMIO JOHN W. CAMPBELL

P.J. Beese & Todd Cameron Hamilton
Christopher Hinz
Melanie Rawn
Michaela Roessner
Kristine Kathryn Rusch
William Sanders
Delia Sherman

MELHOR LIVRO DE NÃO-FICÇÃO

Science Fiction, Fantasy, and Horror: 1987, Charles N. Brown & William G. Contento. *The Motion of Light in Water*, Samuel R. Delany. *The New Encyclopedia of Science Fiction*, James Gunn, ed. *First Maitz*, Don Maitz. *A Bibliographical Dictionary of Science Fiction and Fantasy Artists*, Robert Weinberg.

COMENTANDO: Tentamos dispor as informações de modo a que você possa fazer uma comparação entre o Nebula e o Hugo. No Nebula um júri - em 89 composto de Bruce Corville, Charles de Lint, George Alec Effinger, Nancy Etchemendy, Cynthia Felice, Joe Haldeman e Martha Soukoup - seleciona os melhores que são votados pelos membros da SFWA. Já o Hugo é votado pelos participantes inscritos na NOREASCON, a Convenção Mundial (foram 539). O Nebula foi recente objeto de discussão por ocasião do lançamento da antologia *The Best of Nebula*, onde Ben Bova discute os critérios de julgamento dentro da classe dos escritores profissionais de FC. A *IASFM* continua fornecendo o maior número de candidato, mas também vemos novelas editadas como livro (*), trabalhos saídos de coletâneas de autores (§) e principalmente das páginas da coletânea original *Full Spectrum 1 e 2*. Procure atentar para as mínimas discrepâncias entre os concorrentes aos dois prêmios, dentro das categorias correspondentes (continua na última página desta coluna)

NACIONAL

* A revista 'Superinteressante' Nº 5 trouxe um conto de Asimov, "A Instabilidade", numa nova seção dedicada à FC. Se ela perdurar, eis aí uma opção para o aficionado brasileiro. Nas capas dessa revista os melhores trabalhos de ilustração por brasileiros. Também uma boa seção de resenhas, que vez ou outra aborda livros de FC.

* "União Soviética" é uma espécie de revista "Manchete" daquele país, com uma versão editada em português e distribuída aqui pela Livraria Técnico Científica. A de Nº 469 (maio) apresentou a primeira parte da novela "Cinco Colheres de Elixir", dos irmãos Strugatski, em resposta à solicitação dos leitores, pedindo por trabalhos de FC na sua seção de ficção. Que tal seguirmos o exemplo dos fãs soviéticos?

* "Alf: O E.T.eimoso" recebeu o Troféu Imprensa como melhor série de TV em 1988, concorrendo com "A Gata e o Rato" e "Miami Vice".

* Retorna à programação televisiva brasileira uma das melhores séries de desenhos animados de todos os tempos: "Johnny Quest", no 'Show da Simoni', à partir das 6:30, pelo SBT/TVS. Confira.

* Pois é. Enquanto você lia aqui que o livro "Só Sei que não Vou por Aí" seria lançado em junho, o seu autor já estava mergulhado numa maratona de autógrafos pela capital e interior de São Paulo (primeira gafe). Também dissemos que o Nº2 da GRD seria o "Só a Terra Permanece", quando na verdade este saiu como pertencente à linha 'Clube GRD' (segunda gafe). O verdadeiro Nº 2 foi o livro do Flory (veja resenha neste Nº)

* Foi realizada, de 22 a 28 de maio a III Mostra de Ficção Científica, nas dependências de Instituto de Física da USP, numa promoção conjunta CLFC/CEFISMA (Centro Acadêmico da Física Matemática - USP). Com palestras proferidas por cientistas e professores da USP, exposição de ilustrações e fotos, exibição de filmes em vídeo, feira de livros e fanzines, a Mostra pode ser considerada mais um sucesso dentro das recentes realizações do CLFC e outros grupos de fãs na área de eventos. No dia 28 realizou-se a cerimônia de entrega do II Prêmio Nova, promovido pelo "Anuário Brasileiro de Ficção Científica" (veja resultado neste Nº). Mas o grande destaque do evento foi a fundação do Star Trek Club, que demonstrou inédita estrutura logo em seu nascimento. A assembleia de fundação contou com mais de 50 participantes, exibição de trechos, e do clássico episódio "A Cidade à Beira da Eternidade", da série "Jornada nas Estrelas". Vida longa e próspera a esse novo grupo.

* "Trek Log" é o fanzine oficial do Star Trek Club, que soma então o bom número de 12 fanzines circulando no Brasil. Para recebê-lo e obter informações sobre o clube, escreva para Cx. Postal 24505, São Paulo-SP, CEP 03397. Prestígie a esta e a outras iniciativas.

* O fanzine "Alucinação Coletiva", do GI Philip K. Dick, publica em seu Nº 3 o primeiro conto publicado por Dick em revista profissional: "Beyond Lies the Wub". Para recebê-lo, escreva: R. Cantiga do Desencontro, 126 - Lapa - São Paulo-SP CEP 05065.

* "O Rhodaniano", fanzine do GI Perry Rhodan está lançando uma edição especial com um compêndio da série e 14 páginas. Está, também, iniciando a divulgação de dados inéditos no Brasil sobre autores alemães de FC. Confira: - Caixa Postal 220, Sumaré - SP CEP 13170.



* Nasceu dia 14 de maio Marcos Augusto Fäustle, filho de Peter-Michael e Lígia Clara Fäustle, os donos da livraria Book Centre, conhecida entre nós pela elevada gama de livros de FC, fantasia e horror importados.

* Mal terminada a III Mostra de FC o CLFC já se articula com o SESC Carmo para a promoção de um grande evento batizado de Projeto Cosmos: Realidade e Ficção. Será uma realização contendo exposições e ambientação especial, palestras feitas por cientistas representativos de várias áreas e possivelmente contará com a participação de um grande nome internacional. Contatos estão sendo feitos visando trazer ninguém menos que Carl Sagan.

* Ivan Carlos Regina está auxiliando na preparação de uma coletânea de contos de escritores fãs para um editor independente de São Paulo. Entre os nomes indicados por ele estão Teresa Ariel, José Fernandes, Bráulio Tavares e Fritz Peter Bendinelli, e o trabalho poderá contar também com a participação de André Carneiro.

* A revista 'Leia', N° 126 (abril) trouxe uma matéria de Irene Rezende sobre o fenômeno de vendas J.J. Benitez, autor da trilogia espanhola *Operação Cavalo de Tróia*. * Na 'Veja' N° 22 (7/jun) uma longa matéria sobre H.V. Flo-ry e seu livro.

O Anuário Brasileiro de Ficção Científica congratula os vencedores do Prêmio Nova 1988 e deseja agradecer ao Clube de Leitores de Ficção Científica e o CEFISMA - USP, promotores da III Mostra de FC e ainda a Silvio Alexandre Ferreira pelo trabalho feito pela divulgação do evento



MELHOR FANZINE

- 1 - Hiperespaço, Cesar R, T. Silva, José Carlos Neves, Mario D. Mastrotti.
- 2 - Somnium, Roberto C. Nascimento/CLFC.
- 3 - Hiperespaço: The Next Generation, Sérgio Martins/Grupo Rio. Megalon, Marcello Simão Branco, Renato Rosatti.
- 4 - Boletim Antares, Jane Terezinha M. de Souza/CFC Antares.
- 5 - Star News, Álvaro Ricardo Souza Jr./SAST.

MELHOR CONTO

- 1 - A Derradeira Publicidade do Hebefrênico Alfredo, Ivan C. Regina (Somnium 25)
- 2 - Catálogo de Exposição, Bráulio Tavares (Somnium 30)
- 3 - A Morte Púrpura, Teresa Ariel (Boletim Antares 22)
- 4 - O Último Crepúsculo, Roberto Schima (Somnium 28)
Verde...Verde... , José Fernandes (Coletânea "Verde...Verde...")
- 5 - Brinquedo Perigoso, Simone Sauëressig (Boletim Antares 27)

MELHOR LIVRO DE AUTOR NACIONAL

- 1 - Jogo Terminal, Floro Freire de Andrade (Melhoramentos)
- 2 - Silicóne XXI, Alfredo Sirkis (Círculo do Livro)

MELHOR PUBLICAÇÃO DE LIVRO DE FC

- 1 - Tiger! Tiger!, Alfred Bester - Brasiliense
 - 2 - Viagem Fantástica II, Isaac Asimov - Best Seller
 - 3 - A Guerra das Salamandras, Karel Capek - Brasiliense
 - 4 - O Homem de Dois Mundos, Frank e Brian Herbert - Nova Fronteira
 - 5 - Labirinto da Morte, Philip K. Dick - Melhoramentos
- O Melhor da Ficção Científica do Século XIX, Isaac Asimov, ed. - Melhoramentos

¹⁴ Também destacamos os concorrentes das diversas categorias que você já viu entre os concorrentes do ano passado (§*§). A pessoa com maior número de indicações foi Todd Hamilton, que além de escritor é também ilustrador. Nota-se o crescimento do prestígio da *The NY Review of Science Fiction*, que concorre como semiprozine e cujo editor também concorre na categoria correspondente. Como de hábito, Orson Scott Card aparece no páreo, com romances dentro da série *Tales of Alvin Maker*, que aparentemente não causou impacto semelhante aos romances de *Ender Wiggin*. Lois McMaster Bujold publicou seu romance premiado em três partes na *Analog* antes da edição em livro. O romance dessa autora fala de trabalhadores espaciais geneticamente engendrados para ostentarem membros inferiores idênticos aos superiores (quatro mãos úteis para o trabalho no espaço) e os dramas envolvendo a adaptação dessas pessoas a essa condição. É comum o Hugo e o Nébula premiarem um mesmo trabalho em determinada categoria, se tivermos tempo comentaremos no próximo número as possibilidades e características dos trabalhos.

A LUA NA FICÇÃO CIENTÍFICA

Por GILBERTO SCHOEREDER

Se não foi exatamente o primeiro ponto de grande interesse na ficção científica, a Lua certamente pode ser incluída entre os primeiros grandes temas a serem explorados. Mesmo antes do termo "ficção científica" ser utilizado em larga escala na literatura, as viagens à Lua já exerciam uma atração, tanto para escritores, como pode ser percebido através daqueles trabalhos considerados os precursores do gênero, quanto no cinema, como se verifica no caso do filme "Viagem à Lua" (Le Voyage dans la Lune) dirigido por Georges Méliès em 1902. A história, contada em tom cômico, baseou-se no livro de Júlio Verne, de 1865 (Da Terra à Lua) e no de H.G. Wells (Os primeiros homens na Lua), de 1901. A partir daí, o cinema utilizou o satélite em inúmeras histórias, inclusive com reedições do filme de Méliès, senão centrando o enredo nela, pelo menos utilizando-a como base para vários ataques intergalácticos ou civilizações do futuro.

No cinema, ainda nos anos 50, corria o boato de que a Lua era habitada, às vezes por civilizações formadas por mulheres (que se reproduziam por métodos ainda desconhecidos), outras por seres malignos de várias formas, e mais, mulheres gato, descendentes da civilização terrestre e/ou extra-galáctica da Atlântida, seres minúsculos, gigantescos, com roupas estranhas e hábitos quase sempre parecidos com os nossos, por absoluta falta de imaginação ou economia nas verbas de produção. Continuou assim até que o planeta vermelho tomou seu lugar na (falta) imaginação dos

roteiristas. Mas os grandes e bons trabalhos sempre existiram, como prova a presença de filmes como "Destino à Lua" (Destination Moon) de 1950, que abriu a década que reuniu provavelmente o maior número de trabalhos clássicos no gênero, e até mesmo de "2001- Uma Odisseia no Espaço", apresentado um ano antes da descida dos homens na Lua e que, se não centra a ação no satélite, apresenta uma das últimas imagens realmente impressionantes do mesmo. Também em 1968 o filme "No Assombroso Mundo da Lua" (Countdown), com seu pomposo título nacional, apresentou imagens interessantes. Mas, ao que tudo indica, a última visão de uma sociedade futura definitivamente estabelecida na Lua surgiu em 1969, com "Gangsters na Lua" (Moon Zero Two), de Roy Ward Baker. Perto desses filmes, as estações lunares e guerras interplanetárias que japoneses e italianos travaram nos anos precedentes tem pouca importância.

Os anos 70 e 80 viram uma redução drástica nos temas tendo a Lua como base. Alguns críticos haviam dito, referindo-se mais especificamente à literatura de FC, que a descida dos americanos na Lua havia esgotado as possibilidades do gênero, o que era uma imensa bobagem, como pode-se perceber pelo que surgiu depois disso. Mas parece que, de alguma forma, o fato influenciou na produção, tanto no cinema quanto na literatura. A produção cinematográfica ainda tem como agravante o fato dos efeitos especiais e técnicas próprias terem atingido

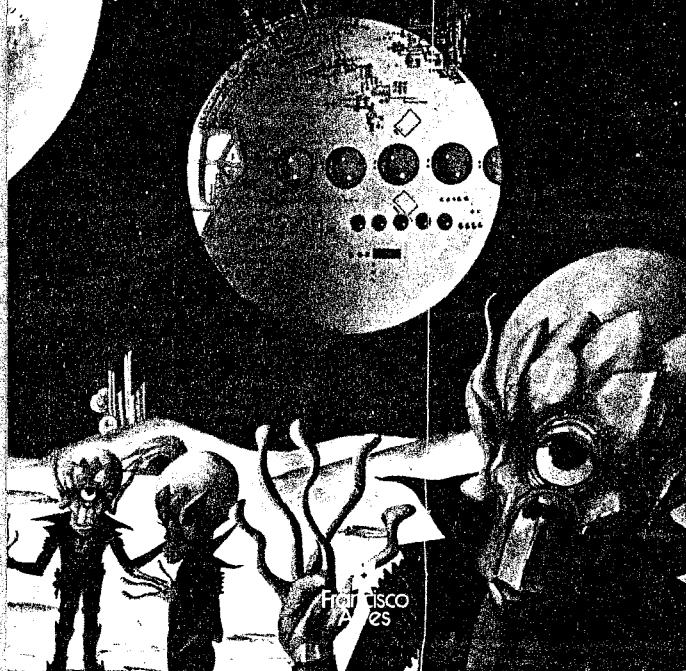
JULIO VERNE

DA TERRA À LUA



H.G. Wells

Os Primeiros Homens da Lua



um nível sequer imaginado alguns anos antes, o que levou o cinema de FC para galáxias muito distantes e estranhas, de modo a se aproveitar o máximo possível os novos métodos. A colonização da Lua foi dada como certa após a chegada dos astronautas americanos, e o assunto ficou um tanto esquecido. E, passados 30 anos, ainda se fala que a colonização, ou pelo menos a exploração econômica do satélite deverá ocorrer em "breve".

As colônias lunares surgidas na literatura foram, aparentemente, em maior número e, certamente, mais bem desenvolvidas do que as do cinema. Uma série de contos apresentaram a Lua como parte da civilização terrestre, e muitas histórias de FC citam-na pelo menos de passagem, dando idéia de que possui uma sociedade altamente desenvolvida e, por vezes, independente da terrestre, quando não oposta a esta de alguma forma. Dos livros chegados ao Brasil, os mais conhecidos parecem ser "A Cratera

da Morte" (The Trouble With Tycho, 1961) de Clifford D. Simak, "Revolta na Lua" (The Moon is a Harsh Mistress, 1966) de Robert A. Heinlein, "Luz da Terra" (Earthlight) de Arthur C. Clarke, e "Os Náufragos do Selene" (A Fall of Moondust, 1961), também de Clarke. Mas, um levantamento aprofundado do tema deverá revelar muitas histórias onde o satélite tem um papel primordial no desenvolvimento do enredo.

De certa forma, é de se estranhar a falta de mais histórias situadas na Lua, principalmente nos últimos anos (entenda-se, após a descida da Apollo). Por mais interessante que seja "Revolta na Lua" ou qualquer outro trabalho abordando as possíveis sociedades a serem formadas, não se pode dizer que o tema esteja esgotado. É claro que as colônias terrestres surgiram em vários pontos do universo desde então, e muitos problemas e sociedades foram elaboradas, mas a Lua sempre um caso especial, devido à proximidade com a Terra, à facilidade de acesso, às implicações políticas e econômicas de uma sociedade lunar, e uma infinidade de outros pontos.

O aparente "esquecimento" da comunidade científica e do público em geral (e dos escritores em particular) talvez se deva a um certo esvaziamento de emoções após a descoberta de que não havia "nada" no satélite, e as consequentes viagens à Marte, Vênus e os demais planetas do sistema. É como se a Lua já não possuísse a aura de mistério que carregou por milênios, transferindo-a para os planetas mais distantes. Nesse sentido, o filme "2001" continua sendo o último e mais bem elaborado trabalho no gênero, mantendo o interesse e o mistério enterrado nas profundezas do pequeno planeta, assim como, mais recentemente, muitos autores tentam trazer esse interesse ainda para mais perto, para a própria Terra.

Sem dúvida, ainda há muito o que falar sobre nós mesmos, nosso planeta, e nosso satélite.

Science Fiction in Brazil

The sf scene in Brazil in 1988 had six or seven publishing houses with sporadic editions, but no book line really devoted to the genre. Of the 15 works of sf (not considering fantasy) issued that year, only two were by Brazilians. On the other hand, sf from four publishing houses in Portugal had a lot of influence on our market, with constant editions and recent translations.

One of the big problems for sf in Brazil is the lack of contact with the present state of the genre. Thanks to the Portuguese publishers, we have some awareness of the new names of American sf, but we still haven't seen works by the Cyberpunks. All the name talents are ignored by Brazilian publishers. Some of the few recent editions of books from the USA translated in Brazil have been books by Asimov (*Fantastic Voyage II*), Arthur C. Clarke, and Marion Zimmer Bradley (after the success of *The Mists of Avalon*). Philip K. Dick and Frank Herbert have also been discovered by the publishers in the last four years.

There were two books by Brazilian authors. Alfredo Sirkis' *Silicone XXI* is a reprint of an edition of 1985. The other, Floro Freire de Andrada's *Jogo Terminal*, is an ambitious novel with sophisticated characterization. None of the writers have contact with the fans.

In spite of the difficulties, fan activity has grown stronger, mainly centering around the Clube de Leitores de FC (SF Readers' Club). There are eight fanzines being published, and more are expected in 1989. Amateur authors, some with very interesting works, constantly arise and are published in fanzines or independent books. We have an annual convention, the Mostra Brasileira de Ficção Científica, that takes place in May; it will be held for the third time in 1989. A national con is also planned for this year, and a South American convention for 1990.

The Nova Award has arisen, and should continue to be given each year. The winners for 1988 are: Best Fanzine--*Somnium* (R.C. Nascimento/CLFC); Best Short Story--"Pela Valorização da Vida" by Ivan Carlos Regina; and Best Book Publication--*O Planeta do Rio* (Riverworld) by Philip José Farmer, with the award going to publisher Brasiliense. The Nova Award is judged and given by the fanzine *Anuario Brasileiro de Ficção Científica* (Brazilian Science Fiction Yearbook).

The situation of the Brazilian authors of the genre isn't the best. In the '60s, there had been the most important moment of editorial opening to Brazilians. With the fall of this movement, there have been only a few sporadic editions. In the 1980s, the average has

been two sf books by Brazilians per year. Andre Carneiro, though publishing in semiprozines and international anthologies abroad, remains inactive in Brazil. Jorge Luis Calife had the last volume of his trilogy "Padroes de Contato" cancelled; the CLFC will serialize a condensed version in *Somnium*.

Three anthologies of short stories by amateurs have already been announced for 1989. The CLFC also plans to hold a short story contest, in conjunction with the III Mostra Brasileira de FC and supported by a publishing house which should publish the best works.

There is a slow but steady opening in the market to Brazilians. The publishers are being pressed by the fans' activities, and authors are producing good works. This is true even for non-fiction books related to sf (four in two years).

While the fans grow stronger in Brazil, we also try to establish contacts abroad.

Despite the absence of a totally open market and the non-existence of a specialized sf magazine, Brazilian fans live in an atmosphere recalling the '20s and '30s in the U.S. There is enthusiasm in the air as the fans organize and show themselves to publishers as potential consumers of a growing genre.

--Roberto S. Causo

ESTE ARTIGO FOI PUBLICADO NA REVISTA LOCUS Nº 339, ABRIL DE 1989. OUTRAS MATÉRIAS 'SCIENCE FICTION IN BRAZIL' JÁ APARECERAM NA MESMA PUBLICAÇÃO, INCLUINDO UM INTERESSANTE HISTÓRICO DA FC NO BRASIL POR JORGE LUIZ CALIFE. (DEZEMBRO DE 1985)

TRADUZIDO PARA O INGLÊS POR ANTONIO DE SOUSA CAUSO.

O cenário da FC no Brasil em 1988 teve 6 ou 7 editoras com edições esporádicas, mas sem uma linha de livros realmente devotada ao gênero. Dos 15 trabalhos de FC (não considerando fantasia) editados nesse ano, somente 2 foram por brasileiros. Por outro lado, FC por 4 editoras de Portugal tiveram um bocado de influência em nosso mercado, com edições constantes e traduções recentes.

Um dos grandes problemas da FC no Brasil é a ausência de contato com o presente estado do gênero. Graças aos editores portugueses, nós temos algum contato com os novos nomes da FC americana, mas nós ainda não temos visto trabalhos pelos Cyberpunks. Todos os novos talentos são ignorados pelos editores brasileiros. Algumas das poucas edições recentes de livros dos USA traduzidos no Brasil tem sido livros por Asimov (*Fantastic Voyage II*), Arthur C. Clarke, e Marion Zimmer Bradley (depois do sucesso de *As Brumas de Avalon*). Philip K. Dick e Frank Herbert também foram descobertos pelas editoras nos últimos 4 anos.

Houveram 2 livros por autores brasileiros. *Silicone XXI*, de Alfredo Sirkis é uma reedição de um lançamento de 1985. O outro, *Jogo Terminal*, de Floro Freire de Andrade, é um ambicioso romance com sofisticada caracterização. Nenhum dos escritores tem contato com os fãs.

A despeito das dificuldades, a atividade dos fãs tem crescido fortemente, principalmente em torno do Clube de Leitores de FC. Há 8 fanzines sendo publicados, e mais são esperados em 1989. Autores amadores, alguns com trabalhos muito interessantes, constantemente surgem e são publicados em fanzines ou livros independentes. Nós temos uma convenção anual, a Mostra Brasileira de Ficção Científica, que acontece em maio; ela será realizada pela terceira vez em 1989. Uma convenção nacional está também planejada para esse ano, e uma convenção sul americana para 1990.

Surgiu o Prêmio Nova, que deverá continuar a ser conferido a cada ano. Os vencedores para 1988 são: Melhor Fanzine--*Somnium*

(R. C. Nascimento/ CLFC); Melhor Conto-- "Pela Valorização da Vida" por Ivan Carlos Regina; e Melhor Publicação de Livro-- O Planeta do Rio ' (Riverworld) por Philip José Farmer, com o prêmio indo para a editora Brasiliense. O Prêmio Nova é julgado e conferido pelo fanzine Anuário Brasileiro de Ficção Científica.

A situação dos autores brasileiros do gênero não é a melhor. Nos anos 60, houve o mais importante momento de abertura editorial para os brasileiros. Com a queda desse movimento, houve apenas umas poucas edições esporádicas. Nos anos 80, a média tem sido de 2 livros de FC por brasileiros por ano. André Carneiro, embora publicando em semiprozines e antologias internacionais no exterior, permanece inativo no Brasil. Jorge Luiz Calife teve o último volume de sua trilogia "Padrões de Contato" cancelado; o CLFC publicará em partes uma versão condensada no Somnium.

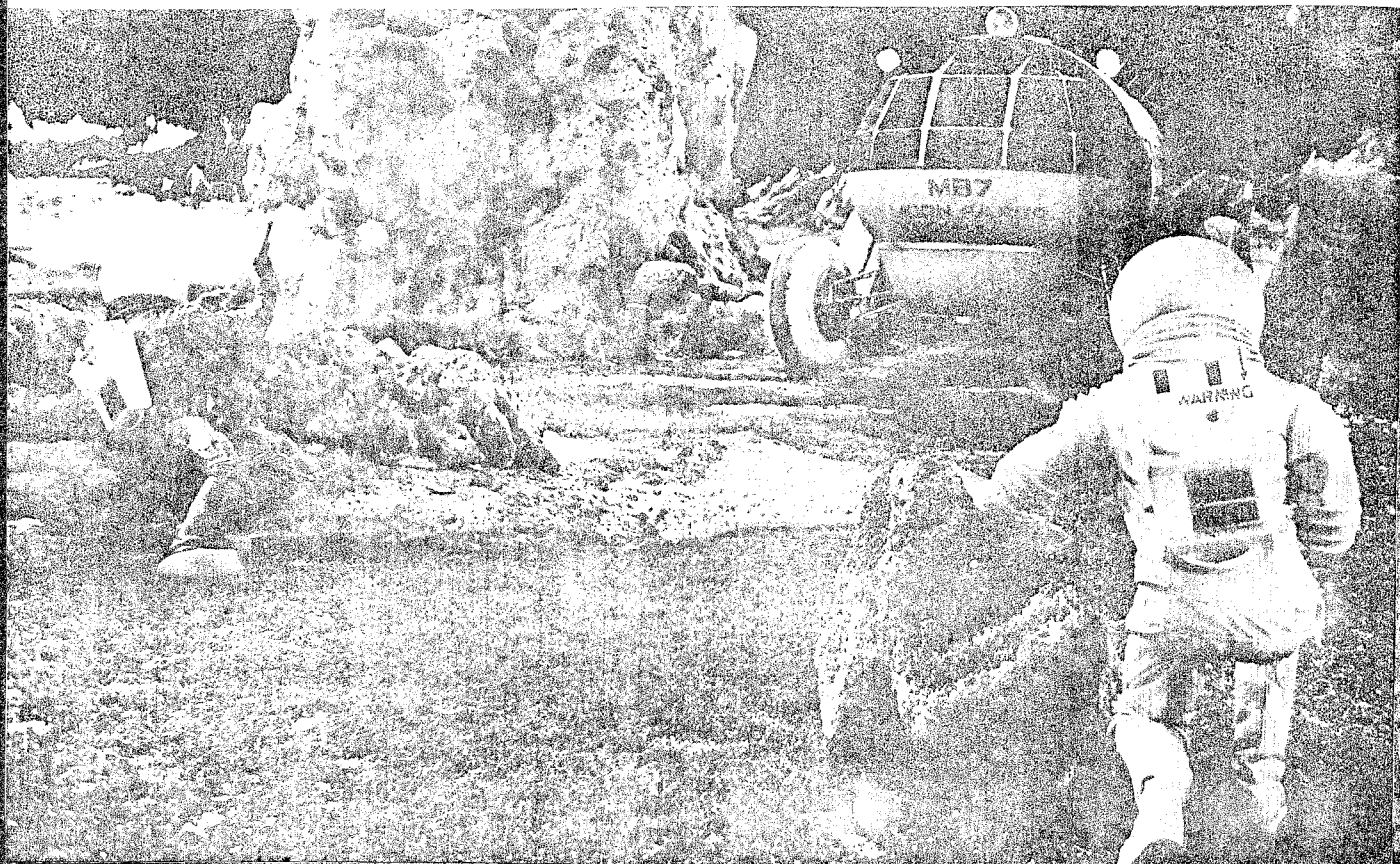
Três antologias de contos por autores amadores já foram anunciadas para 1989. O CLFC também planeja sustentar um concurso de contos, em conjunção com a III Mostra Brasileira de FC e apoiado por uma editora que deverá publicar os melhores trabalhos.

Há uma lenta mas constante abertura no mercado para brasileiros. As editoras estão sendo pressionadas pelas atividades dos fãs, e os autores estão produzindo bons trabalhos. Também o mesmo para livros de não-ficção relacionados com FC (quatro em dois anos).

Enquanto os fãs se fortalecem no Brasil, nós também tentamos estabelecer contatos no exterior.

A despeito da ausência de um mercado totalmente aberto e da não-existência de uma revista especializada em FC, os fãs brasileiros vivem numa atmosfera semelhante à dos anos 20 e 30 nos USA. Há um entusiasmo no ar enquanto os fãs se organizam e se mostram aos editores como consumidores potenciais de um gênero crescente.

--Roberto de Sousa Causo



CENA DO FILME "GANGSTERS NA LUA (MOON ZERO TWO, 1969)"



STAR TREK

ESTUDO DAS NAVES DA SÉRIE I



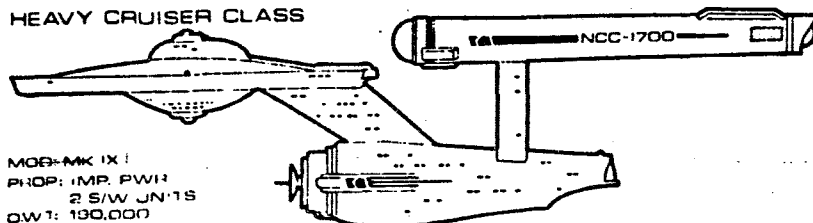
Por: OMAR ALBIO DOS SANTOS FILHO

Sem dúvida as naves deste clássico seriado, sobretudo a ENTERPRISE, sempre foram uma atração à parte. A partir desta edição publicaremos uma sequência de artigos, abordando diversos aspectos das diversas naves que compõem o universo fascinante de terráqueos, vulcanos, klingons, romulanos, organianos, ferengis...

CLASS: CONSTITUTION

TYPE : HEAVY CRUISER

HEAVY CRUISER CLASS



Os cruzadores desta classe foram criados pela frota estelar, órgão que cuida da política entre planetas e seus intercâmbios culturais e sociais. Para ampliar a área conhecida, foram criadas astronaves de porte gigante, que tinham grandes capacidades para enfrentar o desconhecido. Numa jornada que duraria cinco (5) anos, possuindo dois propulsores de velocidade warp, elas chegavam a seu destino num tempo relativamente pequeno. Assim teriam um tempo maior de aproveitamento, para pesquisar, ou até mesmo em casos extremos, havendo guerras estelares, possuindo um grande poder de fogo; foram e são o orgulho da frota. Neste tempo de nascença foram criadas quatorze naves cruzadores, as quais foram enviadas em missões de exploração em um período de cinco (5) anos, tempo suficiente para ampliar em seus computadores de bordo conhecimentos nunca antes registrados em arquivos ou mesmo livros.

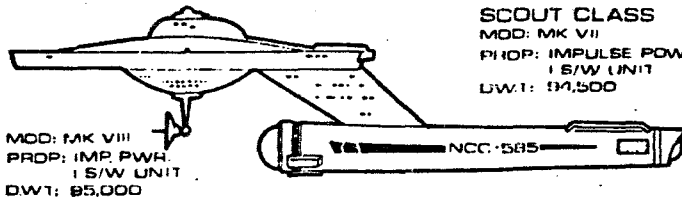
As quatorze naves abaixo descritas possuem tres bancos de 'faser' para defesa e dois bancos de torpedos fotônicos. Sobre o disco, no qual ficava a ponte de comando, haviam tres bancos de 'faser'; um no centro e um de cada lado. Possuiam dois propulsores de velocidade warp que podiam deslocar 190.000 toneladas força. Possui um sensor de navegação, um sensor radar e uma unidade de força warp. Destes cruzadores o que mais se destacou foi a ENTERPRISE, famoso por suas façanhas, que se lendas. Foi praticamente a única nave destas quatorze que se transformou em classe; a CLASSE ENTERPRISE.

U.S.S. CONSTELLATION	NCC 1017	-----	U.S.S. INTREPID	NCC 1708
U.S.S. CONSTITUTION	NCC 1700	-----	U.S.S. KONGO	NCC 1710
U.S.S. ENTERPRISE	NCC 1701	-----	U.S.S. LEXINGTON	NCC 1703
U.S.S. EXCALIBUR	NCC 1705	-----	U.S.S. POTEPMKIN	NCC 1711
U.S.S. EXETER	NCC 1706	-----	U.S.S. REPUBLIC	NCC 1371
U.S.S. FARRAGUT	NCC 1702	-----	U.S.S. VALIANT	NCC 1709
U.S.S. HOOD	NCC 1707	-----	U.S.S. YORKTOWN	NCC 1704

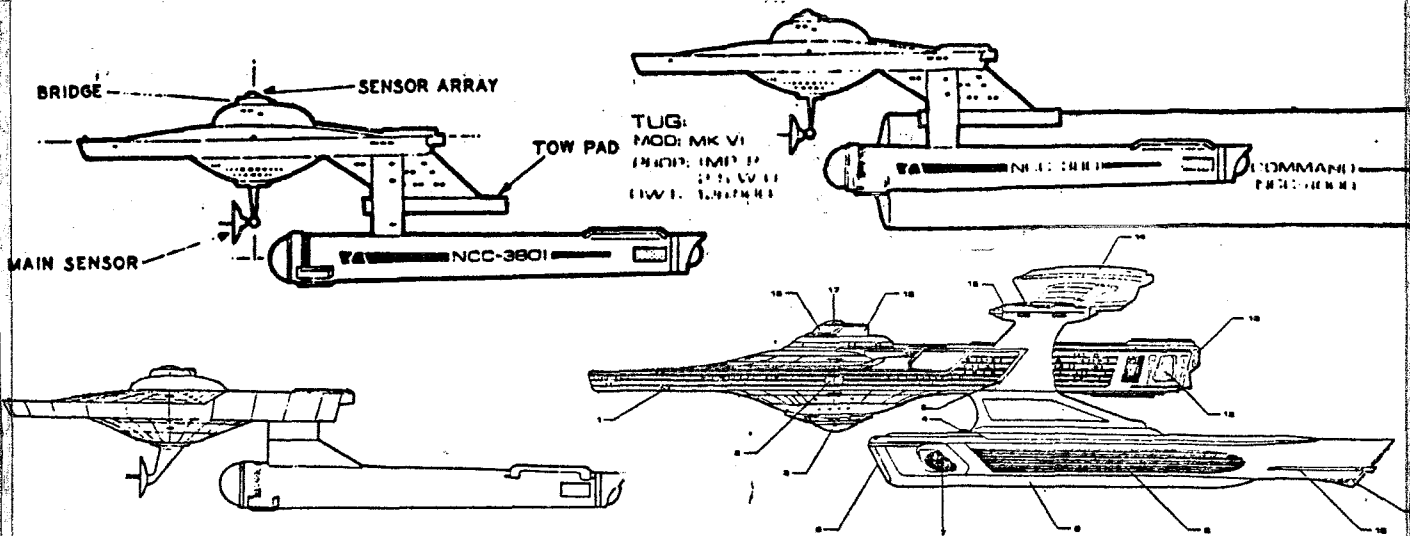
CLASS: HERMES I SCOUT

TYPE: DESTROYER MOD: MK VII

DESTROYER/SCOUT CLASS



Os destroyers da classe Hermes possuíam uma só unidade de propulsão warp. Eles podiam atingir a velocidade de warp 9. Não possuíam um sensor 'array' na parte de baixo do disco e sim um sensor de navegação. O sensor 'array' ficava acima da onde se encontrava a ponte de comando. Não possuíam banco de torpedo fotônico. Pelo menos no modelo MK VII, só banco de 'faser'. Estes destroyers eram escoltas de naves de transportes da classe PTOLOMEU, pois eram mais lentas. Quando carregadas, possuíam vinte (20) oficiais e cento e setenta e cinco (175) tripulantes. Desloca 95.000 toneladas força.



CLASS: PTOLEMY
SURYA
AVENGER

TYPE: TRANSPORT
FRIGATE
HEAVY FRIGATE

MODEL: MK VI
MODEL: MK XI-A
MODEL: MK XI-B

CLASSE: PTOLEMY

Estas naves foram concebidas para transportar cargas às bases distantes da frota estelar. Possuem duas unidades de propulsão warp, e entre seus propulsores há um engate onde ficam presas as cargas. Estas cargas seriam líquidos, produtos, peças, e até mesmo roupas. Desta classe se originaram mais duas outras- a classe SURYA e a classe AVENGER- esta última sucessora da SURYA. Sua velocidade máxima era na escala warp 9. Possuíam vinte e dois (22) oficiais e cento e noventa e

oito (198) tripulantes.

CLASSE: SURYA

Estes modelos originários das classes PTOLEMY, vistas de cima eram quase semelhantes, porém apresentavam sensíveis diferenças. O casco das SURYAS eram duplos e as hastes eram mais acentuadas. A SURYA apresentava um poder de fogo maior que o dos cruzadores da classe CONSTITUTION. Possuíam seis bancos de 'faser' e dois canhões 'mega-faser'. Sua velocidade máxima era na escala warp 12.

CLASSE: AVENGER

Estes modelos foram por sua vez originários da classe SURYA, mas com detalhes diferentes. Possuíam naves de ataques denominadas 'work beam'. Possuíam seis bancos de 'faser', dois canhões 'fasers' e quatro bancos de torpedos fotônicos. Sua velocidade máxima era na escala de warp 12. Estas fragatas ficaram famosas durante uma incursão romulana onde mostraram um ótimo desempenho de fogo pesado. A U.S.S. KNOX é uma variante destas fragatas, só que é de transporte e possui poder de fogo menor.

ENTERPRISE

NCC-1701



Alguns oficiais na ponte de comando da nave "ENTERPRISE NCC-1701"

POSTER

SF

SCIENCE FICTION

JUNE 1974 75¢ 14155



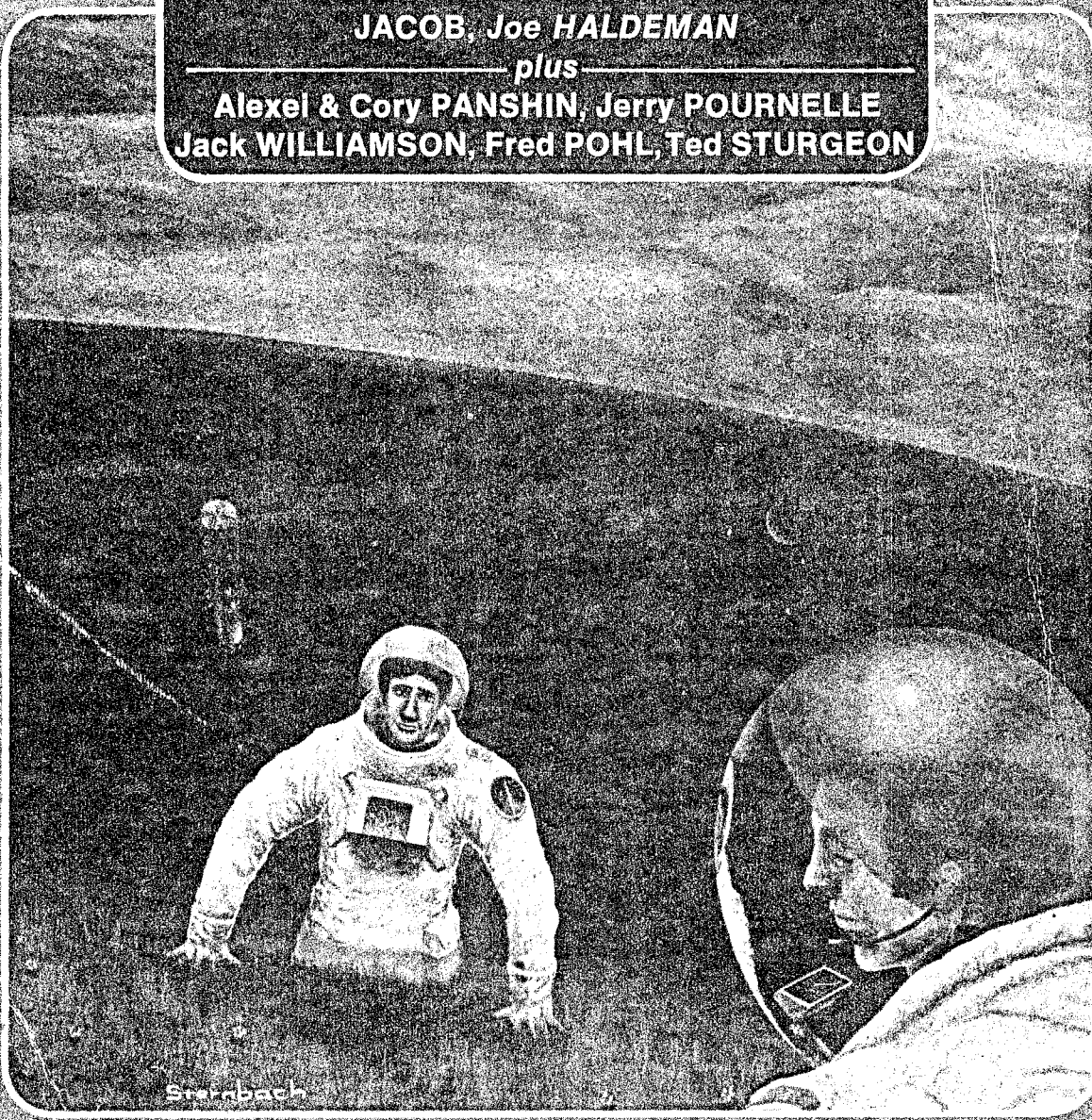
Galaxy

BOB SHAW ORBITSVILLE

THE GLITCH, *James BLISH*
LITTLE GAME, *Verge FORAY*
THE PRIVATE WAR OF PRIVATE
JACOB, *Joe HALDEMAN*

plus

Alexel & Cory PANSHIN, Jerry POURNELLE
Jack WILLIAMSON, Fred POHL, Ted STURGEON



GALAXY(1950-80). Uma das grandes revistas da FC. Teve seu apogeu com o editor Horace L. Gold, especialmente na década de 60.

SHORT

STORY

desastre em chamas

Por ÉDER SCARROT

Victor Mantas, jovem engenheiro mecânico de vinte e cinco anos de idade, voltava de viagem a uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, guiando seu carro através de uma estrada deserta e quase interminável. Tinha visitado alguns amigos no fim de semana e infelizmente tinha que voltar para o trabalho em sua micro empresa. A monitoria de cursos técnicos mecânicos ministrados em indústrias era um negócio bastante rentável, porém trabalhoso. Ele e seus amigos haviam feito uma pequena festa de confraternização regada com muita cerveja. Victor exagerara um pouco na bebida e estava ligeiramente embriagado. A viagem de volta à São Paulo era muito longa e cansativa e o jovem engenheiro ainda optara por viajar à noite para aproveitar o máximo de tempo possível. Seus amigos o haviam aconselhado viajar no dia seguinte pela manhã, preocupados com a possibilidade de algum acidente, mas Victor ignorou-os e sua teimosia prevaleceu.

Passavam das duas horas da madrugada de segunda-feira, a noite estava calma e o céu estrelado. O silêncio era quase total com exceção do barulho dos carros que viajavam, os quais por sinal, eram pouquíssimos. Um sono incontrolável começou a se apossar do jovem que estava bastante cansado. Travara uma verdadeira guerra consigo mesmo para não dormir. Num espaço de tempo de alguns segundos, os olhos de Victor se fecharam e para seu azar havia uma curva acentuada logo à sua frente. O carro não acompanhou a trajetória da estrada e chocou-se fortemente contra algumas árvores causando várias capotagens do veículo que acaba parando de cabeça para bai-

xo. Alguns instantes depois ocorreu uma explosão seguida de um incêndio. Victor acordou assustado em meio às chamas e desesperado tentou sair do carro para não ser consumido pelo fogo. Conseguiu escapar ileso e se afastou rapidamente do acidente. Enquanto o forte fogo iluminava o céu negro, o jovem engenheiro encostou-se numa árvore e descansou por algum tempo, tentando se recompor do enorme susto que passara. Descansado, Victor resolveu andar pela estrada a fim de encontrar ajuda, mesmo sabendo que eram mais de duas horas da manhã e a rodovia estava totalmente deserta. Ele foi se afastando do local do acidente cada vez mais e quando olhava para trás, podia ainda ver aquele clarão no céu proveniente de seu acidente. Após percorridos aproximadamente dois quilômetros, Victor, ainda influenciado pelo álcool, não suportou o desgaste físico e saiu da estrada para descansar, deitando-se e dormindo embaixo de algumas árvores, onde permaneceu por quase quatro horas.

Às seis horas, várias viaturas de polícia rodoviária e do corpo de bombeiros e mais ainda uma ambulância se encontravam junto ao carro carbonizado de Victor. Eles foram avisados do acidente por um motorista de caminhão que avistara o carro destruído. Imediatamente as autoridades chegaram ao local para descobrir o que havia acontecido. A ambulância fora chamada pois havia um corpo totalmente carbonizado em meio aos destroços. Descobriu-se através de documentos semi queimados achados próximo ao carro, que o cadáver era de um jovem chamado Victor Mantas de vinte e cinco anos de idade.

Enquanto isso, não muito distan-

te dali, Victor acordava de seu sono profundo em meio às árvores que o cercavam. Acordou assustado. Pensativo, quase não acreditava no acidente que havia sofrido algumas horas antes. Levantou-se e dirigiu-se à estrada, tentando encontrar ajuda, alguém que pudesse dar-lhe carona até a cidade mais próxima para poder avisar as autoridades o que lhe ocorrera. Esperou por quase dez minutos até que um pequeno caminhão guiado por um velho parasse. Victor pediu-lhe carona e subiu após o aceno positivo do velho.

—Obrigado, senhor, por ter parado. Estou precisando de ajuda. Tenho que ir à cidade mais próxima — disse o jovem.

—Tudo bem, rapaz. Chegaremos na cidade em pouco tempo. A propósito, o meu nome é João Silva. — disse o velho.

—Prazer em conhecê-lo, senhor. Por acaso não viu um carro todo queimado não muito longe daqui? — perguntou Victor, aflito e sem perder tempo.

—Sim, sim, eu vi. Foi eu quem avisou a polícia. Foi um acidente horrível e encontraram um corpo todo carbonizado em meio às ferragens retorcidas do carro. Pobre rapaz, teve uma morte terrí-

vel. Foi consumido pelo fogo. Victor quase desmaiou de susto após ouvir as palavras do velho. Ele sabia que estava meio embriagado, porém tinha certeza que estava viajando sozinho quando ocorreu o acidente. Chegou até a pensar que o velho se referisse a outro acidente, porém todas as evidências contrariavam essa hipótese. Desesperado, Victor gritou:

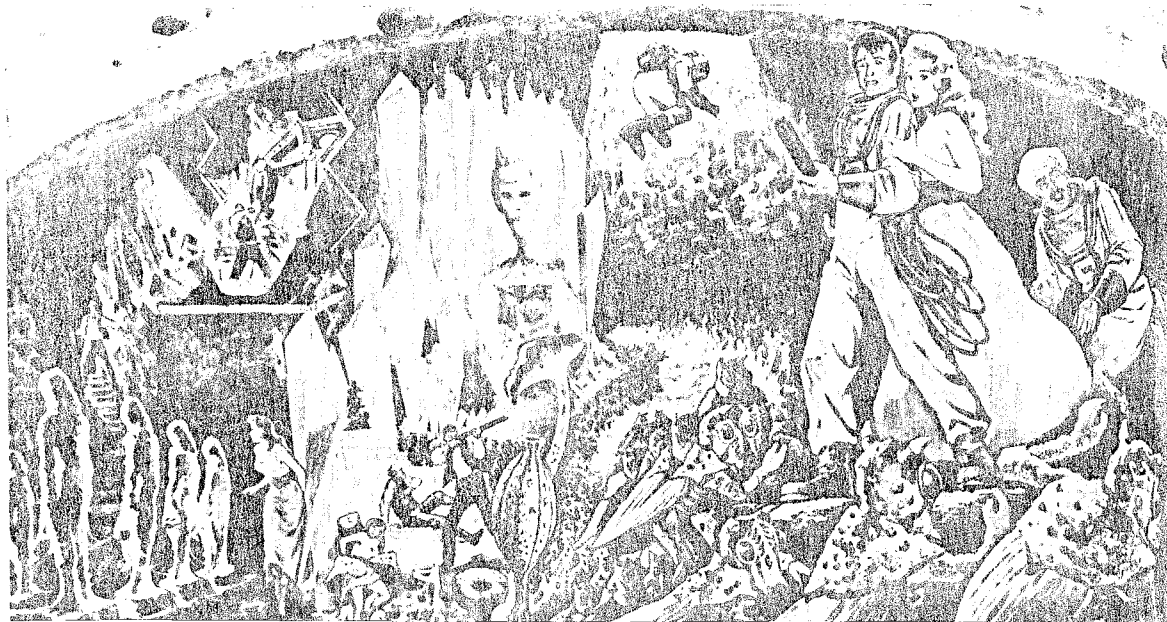
—O quê? O que está me dizendo? Tem certeza que encontraram um corpo carbonizado no carro?

O velho João assustou-se com a reação do jovem e confirmou o que havia dito:

—Sim, tenho certeza. Até sei o nome do rapaz morto. Um policial me disse que era um jovem chamado Victor Mantas, se não me engano. Após ter ouvido seu próprio nome da boca do velho, Victor descontrolou-se e gritou ao velho:

—Mas eu não estou morto! Isso é um engano! Eu estou vivo! Não, Não! Num gesto repentino de desespero, o jovem se agarrou ao velho João, que jogou o seu caminhão para fora da estrada. O veículo capotou várias vezes e explodiu. Novamente o fogo ardeu no céu em menos de cinco horas. Pouco tempo depois, as autoridades chegaram ao local da nova tragédia. Foram encontrados um caminhão destruído e dentro dele um só corpo queimado, identificado mais tarde como sendo o de João Silva.

(conto escrito em março de 1989, especialmente para MEGALON)



o dia da caça

Por MIGUEL CARQUEIJA

(Dedico a minha mãe Georgeta, por seu amor pelos animais)

A caça era uma atividade típica dos animais, dentro porém das limitações de cada espécie. Os peixes pequenos, por exemplo, alimentavam-se de plantas, sendo por sua vez comidos por peixes maiores. Subindo-se na escala, chegava-se aos grandes predadores como tubarões e cetáceos.

Em terra o ciclo continuava. As aranhas caçavam insetos diversos, mas eram vítimas de vespas caçadoras. Os animais herbívoros limitavam-se a ser caçadores de plantas, por assim dizer; caça fácil e tranquila. Entre as aves muitas eram insetívoras; outras porém comiam carne. As corujas eram grandes caçadoras de ratos. Já as poderosas hárprias destacavam-se como predadoras de macacos e preguiças da região amazônica. Os mais famosos carniceiros, porém, eram os felinos: o leão, o tigre, a onça, a chita, o leopardo. Dedicavam-se à caça grossa: antílopes, veados, cavibaras, zebras, girafas; realizavam um bom serviço de equilíbrio ecológico. Sim, porque muitas espécies se multiplicariam em demasia se não tivessem seus predadores naturais. Era o caso, por exemplo, das piranhas, largamente consumidas pelos jacarés.

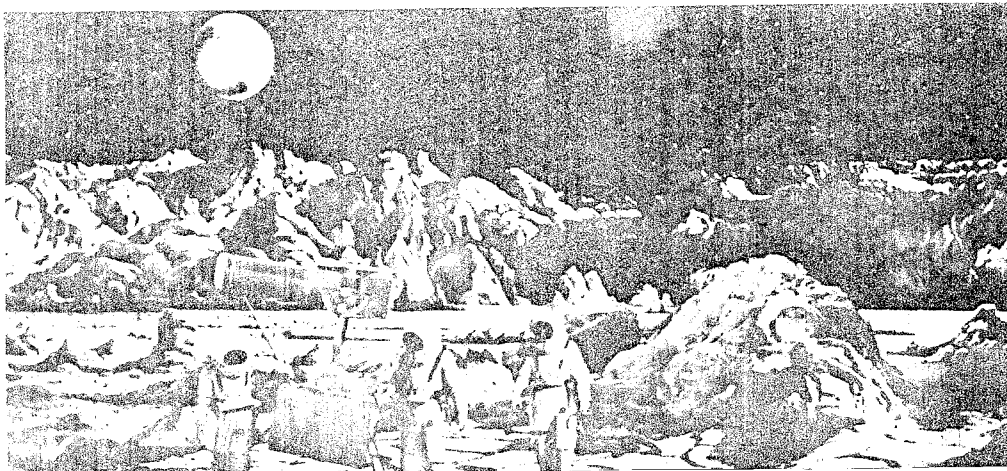
Foi então que o Homem começou a caçar em larga escala, e logo foi perdendo o senso de proporção. Caçou durante séculos e milênios e por fim, caçava todas as espécies,

sem atender ao número de indivíduos de cada uma; e diversas raças animais se extinguíram. Treinou alguns animais, especialmente cães, para caçar outros. A cobertura vegetal também recuou, atingida por incêndios, derrubadas e secas trazidas pelos distúrbios climatológicos, que o Homem trazia em seu cortejo de males. E como escasseassem os bichos, os homens puseram-se a se perseguir mutuamente, em crimes e em guerras cada vez mais sangrentas. Finalmente, com os mísseis nucleares, iniciaram os preparativos para a Última Caça.

Mas aí Deus resolveu intervir de maneira definitiva na Terra, acabando de vez com a caça descontrolada. E assim Deus deteve a Humanidade em sua caça suicida. Num relance a Criação se transfigurou: o mundo vicejou, as raças extintas reapareceram, e todos os planetas do Sistema Solar transformaram-se em novos Paraísos, onde já não se falava em morte, e onde havia espaço para a Natureza restaurada em toda a exuberância de séculos acumulados; e somente os humanos que haviam sido bons entre si e com os seres naturais puderam viver no novo mundo que Deus criara. E assim a caça deu lugar à Paz universal.

Era o Dia do Juízo Final.

(conto escrito em 7 de fevereiro de 1988)



Cena do clássico "DESTINO : LUA " (Destination Moon, 1950) dirigido por Irving Pichel e com produção do especialista George Pal.

THE EVIL DEAD

Por RENATO ROSATTI



No cinema de terror, devemos primeiramente analisar duas facções consideradas distintas. Uma mais antiga, onde os filmes se preocupavam em enriquecer os roteiros e transmitir ao público uma sensação de medo e pavor. As histórias exploravam temas sobrenaturais ou mesmo os grandes personagens consagrados como Drácula, o monstro de Frankenstein, lobisomens e vampiros em



PARIS FILMES apresenta mais uma SUPERPRODUÇÃO

NOITE ALUCINANTE

PARTE 1 - ONDE TUDO COMEÇOU

NEW LINE CINEMA CORP. apresenta "THE EVIL DEAD"
estrelando BRUCE CAMPBELL · ELLEN SANDWEISS · HALL DELRICH · BETSY BAKER · SARAH YORK
escrito e dirigido pelo novo gênio do terror SAM RAIMI

geral. A título de exemplificação, temos os clássicos "Drácula (31)", "Frankenstein (31)", "The Abominable Dr. Phibes (71)" e dezenas de outros filmes de produção barata chamados de filmes "B". A outra facção é mais atual e é representada pelos filmes de "violência explícita". O objetivo não é somente assustar como também enojar o público. Os roteiros são geralmente fracos e o que prevalece são os fortes efeitos especiais. As características principais desses filmes são a presença de muito sangue, tripas, vômitos, mutilações, monstros, etc. Pertencentes a esse contexto, citamos, entre muitos outros, a interminável e excelente saga "Sexta Feira 13", os filmes "Massacre da Serra Elétrica I e II", e sem dúvi

da nenhuma, o grande representante do gênero "The Evil Dead". Infelizmente para nós aqui do Brasil, foi feita uma verdadeira bagunça com os títulos de ambos os filmes. The Evil Dead (83), foi lançado em vídeo pela LOOK com o nome de "A Morte do Demônio". Esse mesmo filme foi exibido recentemente nos cinemas como "Uma Noite Alucinante - Parte I - Onde Tudo Começou". Já "Evil

Dead II (87)" foi lançado agora em vídeo pela TEC HOME com o nome de "Uma Noite Alucinante" e foi exibido nos cinemas em 1988 com esse mesmo nome, seguido do subtítulo "Mortos Ao Amanhecer". Toda essa confusão aconteceu porque o 2º filme veio para nós antes do original.

Problemas à parte, ambos os filmes foram dirigidos e escritos pelo jovem e competente Sam Raimi e estrelados pelo hábil Bruce Campbell (que também foi produtor). Há diferenças entre os filmes, mesmo porque não há uma sequência exata entre eles, o 2º filme é apenas uma variação da história do primeiro e está mais voltado para o humor negro sendo sustentado por efeitos especiais mais

sofisticados, comandados por Mark Shostrom. Já o primeiro é bem mais violento, com cenas repugnantes e assustadoras, através de um excelente trabalho de maquiagem de Tom Sullivan. Tanto é que foi proibida sua exibição na Inglaterra por dois anos. Mesmo assim ganhou vários prêmios em festivais e até hoje é aclamado pelos fãs como um dos melhores filmes de terror já realizados. Quem já viu ou ouviu a advertência: "atenção; esse filme é desaconselhável para pessoas nervosas, de estômago fraco ou facilmente impressionáveis"; pode ter certeza que é válida nos casos em que se tratar dos filmes "The Evil Dead".

Em 1983, o jovem Sam Raimi com a ajuda do produtor Robert Tapert e do ator Bruce Campbell resolveram realizar um filme diferente e de impacto. Nada melhor que o escritor Stephen King para confirmar isso - "eu gosto desse filme, é diferente dos outros". O apoio de King foi fundamental para o sucesso do filme. A história é simples e gira em torno de um livro antigo chamado de "O Livro Dos Mortos". Esse livro, escrito há mais de três mil anos atrás, com carne e sangue humanos, era composto de frases cabalísticas, que uma vez recitadas tinham o poder de invocar demônios até então dormentes, os quais podiam se apossar dos vivos. O LIVRO DOS MORTOS seria uma espécie de NECRONOMICON, criado por Howard Phillips Lovecraft. Um grupo de cinco jovens em passeio nas montanhas, se hospedam numa velha cabana onde encontram no porão o citado livro e uma fita gravada pertencentes a um arqueólogo que encontrara o livro em escavações. Os jovens resolvem ouvir a fita, que recita, entre outras, as palavras: "KANDA ISTRATA AMANTOS

HA 4 ANOS, ALGO ATERRORIZANTE E MORTAL ACONTECEU NAQUELA CASA. REZE PARA QUE NÃO ACONTEÇA OUTRA VEZ.

VOCE VAI MORRER DE SUSTO
VOCE VAI MORRER DE RIR!

UMA
NOITE
ALUCINANTE

SAVING PRIVATE PICTURES Apresenta
EVIL DEAD 2 dirigido por SAM RAIMI
Estrelando BRUCE CAMPBELL com SARAH BERRY, DAN HICKS, KASSIE WESLEY, RICHARD DOMEIER

KANDA"; as quais ressuscitam demônios que estavam inativos. Os espíritos malignos se apossam dos humanos um a um, sobrando apenas o herói Ashley (Bruce Campbell) para combatê-los. Destaque para a cena em que uma garota possuída arranca a própria mão com os dentes e, para a cena da possessão da primeira vítima, Cheryl (Ellen Sandweiss), irmã de Ashley. A garota ao ser possuída por um demônio, gritou com uma voz gutural ao seus amigos: "Why have you disturb our sleep? Awakening us from our ancient slowness? You will die! Like the others before you! One by one, we will take you!" Traduzindo: "Por que perturbaram nosso sono? Acordando-nos de nossa antiga inatividade? Vocês morrerão! Como os outros antes de vocês! Um por um vamos levá-los!" Sem dúvida nenhuma, um grande filme de terror com as cenas mais repugnantes e violentas já feitas no cinema.

Em 1987, Sam Raimi e sua equipe apoiados pela empresa de Dino de Laurentis, resolvem filmar outro "Evil Dead". Utilizam a mesma história do original, embala-

16
anos





dos pelo grande sucesso do mesmo, e fazem um filme mais voltado para o humor negro, sem deixar de lado as cenas agressivas e assustadoras. É um filme onde o público ri e se assusta ao mesmo tempo. Um casal de jovens, Ashley (Campbell) e sua namorada Linda (Denise Bixler), param numa cabana nas montanhas para descansarem. Lá encontram o "Livro dos Mortos" e involuntariamente acabam libertando demônios. Mais tarde aparecem tres outros jovens e entre eles, a filha do arqueólogo Norman Knowby (John Peaks), o descobridor do livro. Há muitas cenas engraçadas como por exemplo a dança do corpo decapitado de uma garota possuída e a possessão de uma das mãos de Ashley obrigando-o a decapá-la. Ele tenta matar a própria mão que faz gestos obscenos e emite uns ruídos esquisitos. Outra cena é aquela em que uma cabeça de alce pendurada na parede e outros objetos inanimados começam a dar gargalhadas, como se estivessem gozando da situação em que o jovem Ash se encontrava. Destaque também para as sequências com a Henrietta possuída (esposa do arqueólogo), personagem este interpretado por Theodore Raimi, irmão

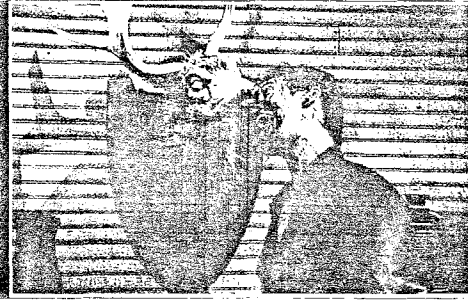
do diretor. No final do filme há até um pouco de ficção científica, quando o herói e seu carro acabam viajando ao passado na época medieval, através de uma "fenda do tempo que foi aberta" quando recitadas algumas passagens do livro dos mortos. Aliás, numa das páginas desse mesmo livro estava a figura de um herói vindo dos céus, o qual seria enviado para combater o mal na época medieval. Fácil concluir que esse herói trata-se do próprio Ashley.

Enfim, outro excelente filme tão bom quanto o primeiro. Muitas sequências engraçadas e outras grotescas e violentas, bem nos moldes dos filmes atuais de terror. Finalizando, vale ressaltar que já existem projetos para a execução do terceiro "Evil Dead". Espero que esse projeto se concretize e que os fãs possam novamente se divertirem com mais uma avalanche de sangue.

Na página seguinte, temos as fichas técnicas de ambos os filmes.

Abaixo, Ashley (Bruce Campbell), prende a cabeça decapitada de um demônio. Acima, Theodore Raimi como a Henrietta possuída. Ambas as fotos de "Evil Dead II (87)".





A MORTE DO DEMÔNIO (The Evil Dead, EUA, 1983, Renaissance Pictures)

Direção: Sam Raimi Roteiro: Sam Raimi Produção: Robert G. Tapert

Produtores Executivos: Robert G. Tapert, Sam Raimi e Bruce Campbell

Fotografia: Tim Philo Música: Joseph Lo Duca Duração: 83 minutos

Efeitos Especiais de Maquiagem: Tom Sullivan

Elenco: Bruce Campbell (como Ashley), Hal Delrich (Scott), Ellen Sandweiss (Cheryl), Betsy Baker (Linda), Sarah York (Shelly).



UMA NOITE ALUCINANTE (Evil Dead II, EUA, 1987, Renaissance Pictures)

Direção: Sam Raimi Roteiro: Sam Raimi e Scott Spiegel

Produção: Robert G. Tapert Produtores Executivos: Irvin Shapiro e

Alex DeBenedetti Co-produção: Bruce Campbell Gerente de Produção

Joseph C. Stillman Fotografia: Peter Deming Fotografia noturna :

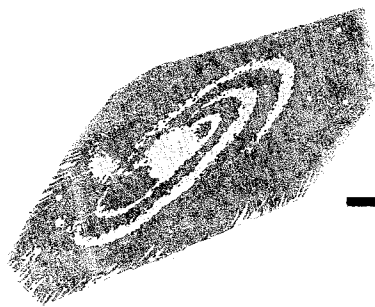
Eugene Shulugleit Música: Joseph Lo Duca Efeitos Especiais de

Maquiagem: Mark Shostrom Montagem: Kaye Davis Direção de Arte:

Philip Duffin e Randy Bennett Animação: Tom Sullivan Duração: 82 m

Elenco: Bruce Campbell (como Ashley), Sarah Berry (Annie), Dan Hicks (Jake), Kassie Wesley (Bobby Joe), Richard Domeier (Ed), Theodore Raimi (Henrietta possuída), Denise Bixler (Linda), John Peaks (Prof. Norman Knowby), Lou Hancock (Henrietta).





REFLEXÃO DE JULHO DE 1969

"Um pequeno passo para um homem, um grande salto para a humanidade". Foram as palavras de Neil Armstrong ao se tornar o primeiro homem a pisar na superfície da Lua, no dia 20 de julho de 1969. Realizado nos anos 60, o projeto Apollo fez parte do clima de renovação e otimismo daquela época, como o movimento hippie e a rebelião dos jovens. E como outros movimentos dos anos 60 o sonho das viagens espaciais, o grande salto para a humanidade, quase foi aniquilado na década seguinte.

Werner Von Braun, o gênio a quem se atribui a criação dos foguetes, o idealizador do imenso Saturno V, que levou Armstrong e seus companheiros até a Lua, acreditava que o projeto Apollo era o início de uma nova era. Von Braun queria que a agência espacial americana, NASA, iniciasse os planos de instalar uma base permanente na Lua em 1980 e para enviar uma expedição em Marte em 85. O governo americano não quis. A corrida espacial dos anos 60 fora um jogo político, não científico, e para os políticos de Washington era mais importante financiar a guerra do Vietnã e a corrida armamentista nuclear do que as viagens espaciais.

O conhecimento técnico para as viagens no espaço já existia desde os anos 50. Os cientistas queriam construir naves espaciais. Os militares e os políticos queriam mísseis nucleares. Quando a

primeira geração de mísseis intercontinentais ficou pronta, os cientistas russos e americanos conseguiram convencer políticos e militares de que os mesmos foguetes, que podiam levar uma bomba atômica de um continente para outro, podia levar satélites e cápsulas tripuladas ao espaço.

Os soviéticos tinham foguetes maiores, porque suas bombas atômicas não eram miniaturizadas como as americanas. Com esses foguetes gigantes eles colocaram o primeiro satélite em órbita em 57 e enviaram o primeiro homem e a primeira mulher ao espaço no início dos anos 60 (Iuri Gagarin e Valentina Tereshkova). Para os dirigentes soviéticos como Nikita Khrushchev, os êxitos de seu país no espaço eram uma prova da superioridade do sistema socialista sobre o capitalista. Os políticos americanos reagiram para provar que isso não era verdade e a corrida espacial, em vez de ser uma aventura científica, virou disputa político-ideológica.

Em 1961, quando o presidente John Kennedy encomendou aos cientistas da NASA um grande projeto, capaz de recuperar o prestígio da ciência americana, Von Braun sugeriu uma estação espacial. Era o passo lógico, construir uma base no espaço, em órbita da Terra, e de lá lançar naves para a Lua e os planetas. Isso permitiria que as naves carregassem cargas pesa-



Gagarin: "A Terra é Azul!"



Armstrong: "Houston, a Águia Pousou!"

das, consumindo menos combustível, essencial para tornar as viagens espaciais economicamente viáveis.

Kennedy temia que os soviéticos colocassem homens na Lua enquanto os americanos estivessem construindo sua estação espacial, e não aceitou a proposta. Propôs invés disso que os Estados Unidos enviassem um homem na Lua antes do final dos anos 60. Para realizar este feito Von Braun projetou o Saturno V. Um foguete imenso (110 m), capaz de colocar uma pequena cápsula na superfície da Lua. O foguete inteiro se perdia a cada voo. Era como um navio transatlântico que afundasse ao final de cada viagem, transportando só três pessoas. Os americanos chegaram na Lua antes dos russos. A tripulação da nave Apollo XI, Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins venceu a corrida espacial. Os soviéticos desistiram de ir à Lua porque os americanos tinham chegado primeiro. E os americanos não puderam ficar na Lua porque o sistema de transporte era anti-econômico.

A história teria sido diferente se a estação espacial permanente tivesse sido montada nos anos 60. Se o dinheiro gasto no Vietnam tivesse sido usado para construir a base lunar de Von Braun, Teríamos homens em Marte hoje, e cidades na Lua em 2001. E o herói das crianças talvez fosse um astronauta...

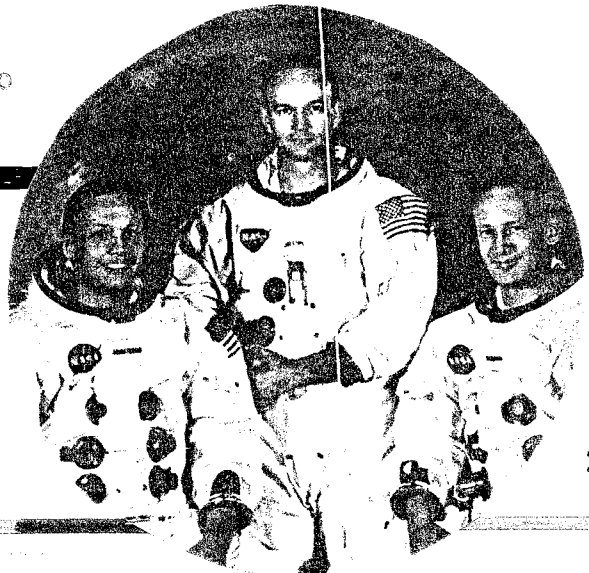
...e não Rambo. ★



Especializada em Ficção Científica, com destaque para as Histórias em Quadrinhos, Nacional e Internacional.

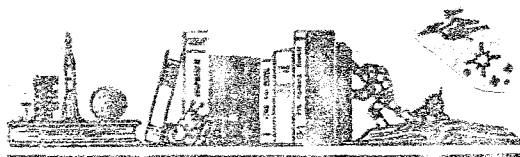
Av. São João, 735 CEP 01035 S. Paulo SP Tel.: (011) 222 1185

À direita, a tripulação da Apollo XI: Neil Armstrong, Michael Collins e Edwin 'Buzz' Aldrin.



Leitura

Por IVO LUIZ HEINZ



- OS INTEMPORAIS (The Time Hoppers) 1967, Robert Silverberg
Coleção Panorama nº 7, 175 páginas

Novela sem novidades, com todos os lugares-comuns a que tem direito.

A Terra do século XXV está superpovoada, com uma rígida hierarquia que divide os homens. A falta de espaço livre e o desemprego em larga escala, provocam uma fobia incontrolável. Nesse clima, um movimento de oposição descobre uma maneira pacífica de se opor a isso, despatchando os descontentes ao passado. É claro que o governo vai interferir, designando um policial, corrupto, para investigar.

Em certo momento o policial divaga sobre a idéia de usar a máquina do tempo para despachar prisioneiros políticos para o passado longínquo. Silverberg deve ter achado esta divagação tão boa que no outro ano, 1968, lançou "The Hawksbill Station", com este mesmo tema.

OBS.: The Hawksbill Station, foi editado pela Bruguera com o título de Estação de Exilados, na coleção Urânia nº 11.

- OS VENDEDORES DE FELICIDADE (The Joy Makers) 1961, James Gunn
Francisco Alves - Col. Mundos da FC nº 32, 243 pág.

Um grupo de psicólogos chega à brilhante conclusão de que nossa sociedade possui tantos defeitos, porque nós não fazemos o que queremos, não somos felizes.

Só que no livro, eles conseguem mudar o mundo, devagar ao propagar as idéias à população e assumindo o poder.

Escrito em três partes: a primeira nos primórdios do Instituto Hedonista, descreve as barreiras que eles encontraram para convencer a sociedade - com a ajuda de novas conquistas tecnológicas.

A segunda, se passa quando o Hedonismo já está consolidado, e seus governantes começam a subverter seus próprios ideais, e um dos teólogos rebela-se e foge para Vênus, onde iam aqueles que não conseguiam adaptar-se à nova vida ou rebelavam-se contra o governo.

A terceira, e melhor parte, acontece quando um descendente dos colonizadores volta à Terra encontrando-a dominada por um computador, sendo as pessoas confinadas em casulos nutritivos que lhes conferiam a suprema felicidade, a volta ao útero.

Este livro é mais um exemplo do que eu já comentei e de longas conversas com o editor de MEGALON: não basta apenas uma boa idéia, é fundamental que o autor concatene e desenvolva-a satisfatoriamente, e é exatamente o que James Gunn faz. →

- O AGENTE DE BIZÂNCIO (Agent of Bizantium) 1987, Harry Turtledove - Coleção Argonauta, dois volumes, nº 374 (168 págs) e 375 (200 págs).

Mais uma história sobre universos paralelos. Neste, Maomé não fundou o Islamismo, converteu-se ao Cristianismo, sendo posteriormente canonizado.

A história situa-se mais ou menos no começo do século XIV, com o Império Romano do Oriente com problemas a oeste por causa dos bárbaros e a leste em brigas seculares com o Império Persa.

Neste universo, o leitor acompanha as peripécias de um autêntico agente secreto, que investiga e sursrupia diversos avanços para seu império (pólvora, etc), além de ser encarregado de resolver futricas diplomáticas causadas pelos persas.

Eu gostei muito. A idéia é original, e o autor escreve bem, com várias estórias com o protagonista em vários lugares do mundo então conhecido. O próprio autor se intitula historiador, dizendo que se baseou em fatos para escrever o romance. Outro bom autor da nova safra, por sinal apresentado por Isaac Asimov, neste lançamento recente da tradicional coleção portuguesa.

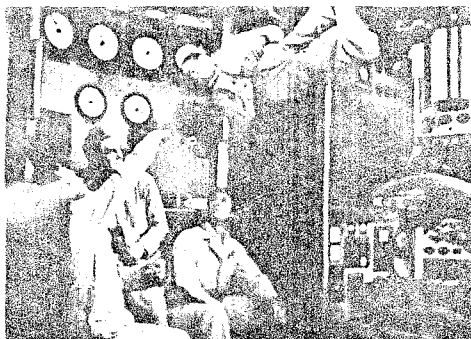
- CIDADE SUBMARINA (City under the sea) 1957, Kenneth Bulmer Francisco Alves - Col. Mundo Fantástico (depois FC) nº 9, 175 pág.

Uma space-opera no mar, com todos os chavões deste estilo de FC. O livro não é mau, o tema-base é a disputa entre os que desejam um maior desenvolvimento espacial e aqueles que preferem maiores recursos para o mar.

Para transcrever a história de um coronel da força espacial que recebe de herança uma fazenda marinha, o autor utiliza de bastante elementos de capa-espada, comuns ao gênero. Acontece que estas fazendas controladas por corporações, se utilizam de métodos escravistas (será que o autor tinha medo que robôs enferrujassem?).

É interessante a operação a que os escravos eram submetidos, capacitando-os a respirar n'água; e quanto aos feitores havia uma operação mais cuidadosa, transformando-os em anfíbios.

O que estraga o livro é o final, com aparição de ETs, a vitória rápida do mocinho e o salvamento da jovem indefesa. Isso até que é previsível, dado que é rotineiro em space-opera. O mais chato é que o autor "remendou" tudo muito rápido, quebrando o climáx de uma história que não é lá essas coisas, mas podia ter sido melhor concebida.



Cenas do clássico "DESTINO: LUA" (Destination Moon, 1950).

- OS CIGANOS DA ESTRELA (The Gypsies of the Star, By Human Hands, Xanadu). Tradução de Rocha Torres. Ficção Científica GRD, S. Paulo, 89 111 páginas. Capa de Regina Dorea Oranges.

Antologia que marca o retorno da famosa coleção GRD, iniciativa do lendário Gumercindo Rocha Dórea. Reúne um conto, que é o título e duas novelas.

Os Ciganos da Estrela, de William Lindsay Gresham, mostra a Terra após uma guerra que destruiu a atual cultura humana, dividindo a humanidade entre os nômades ciganos e gregários gorgios. A religião destes é a Civilização-como-a-conhecemos: pantomimas reproduzindo os efeitos 'mágicos' de máquinas inúteis sem um sistema fornecedor de energia. Os ciganos vagam restituindo velhas tecnologias - anzóis e alfanges para manter os gorgios vivos. Um conto bem escrito, com essas interessantes idéias, um pouco de romance, mas com um final fraco.

Em Mãos Humanas, de Algis Budrys, passa-se num outro planeta, com uma humanidade decadente, destituída de iniciativa. Um visionário local a reconduziu ao caminho da civilização e da organização social, apoiando-se nessa mesma apatia, que torna os homens desse mundo facilmente guiáveis. Eles só receiam o retorno dos terrestres, cercados de lendas e com intenções desconhecidas. Um robô da Terra perde-se ali e passa a conduzir veladamente o avanço dessa cultura, que salta eras científicas e tecnológicas em décadas. Paralelamente surge um engenheiro com iniciativa acima da média. O robô quer melhorar o homem e o engenheiro quer poder. Então chegam os terrestres e as ações se definem. Budrys tem um estilo despojado, por vezes desconjuntado, mas a novela é um exemplo quase clássico das histórias da Golden Age dos anos 40, principalmente pelo instigante final.

As Artes de Xanadu, de Theodore Sturgeon, é a melhor história do livro. Nela a humanidade desmembrou-se pelas estrelas, mantendo porém rituais de aproximação. Um emissário de Kit Carson chega à Xanadu. Secretamente é um batedor que vem sondar o terreno para uma invasão. As comunidades do planeta parecem ter efetuado com sucesso um retorno à natureza ao mesmo tempo mantendo uma super-tecnologia. Esta proporciona uma espécie de integração de consciências e manipulação de energia para moldar a matéria. Na verdade essa tecnologia é a base da vida idílica dos habitantes. Muitas paisagens mostram o choque do pensamento militarista com essa visão natural da vida. Uma guerra antiga, a de Atenas e Esparta. Finalmente o batedor volta a Kit Carson com o segredo da super-tecnologia de Xanadu. Mas elas têm dois gumes e a novela mostra que conquistas também se fazem por meio de harmonia e comunhão. O desenrolar é um pouco previsível e os tropeços do batedor são óbvios em alguns momentos. Contudo a história é bem escrita, o resultado final tem certo efeito e Sturgeon consegue dar a cada instante da narrativa uma vida e luz própria.

A ausência de um título único para as três histórias sugere que o livro pode ser uma antologia original de contos nunca reunidos antes. O que amarra os três trabalhos é a idéia de grupos humanos se reorganizando após uma ruptura. A apresentação de Dorea fala de guerra nuclear, mas as duas novelas não se referem a isso. Os três autores são pouco conhecidos no Brasil, o que torna interessante publicá-los, mas faltaram apresentações para as histórias - ou uma introdução pelo editor - mais profundas que a da orelha do livro.

— — — — —
= SÓ SEI QUE NÃO VOU POR AÍ !, de N.V. Flory. Ficção Científica GRD, S. Paulo, 1989, 146 páginas. Capa de Leo Mattioli.

Coletânea de 13 contos que ilustram os problemas da FC brasileira: ótima coerência científica mal aplicada no contexto ficcional; um background na vanguarda da ciência e tecnologia inserido de um modo que a FC estrangeira já superou há muito; boas idéias e analogias pouco valorizadas literariamente; tentativas de usos de recursos literários (citações, aliteração de narrador) apagados por uma prosa sem brilho.

O livro oscila entre a potencialidade esboçada e a execução fraca. Há uma demasiada intervenção do narrador - condenável especialmente na descrição de avanços técnicos e mudanças sociais - impedindo os personagens de transportarem a ação. As histórias se prendem ao futuro próximo, girando em torno de mudanças sociais, a AIDS, a genética, informática, inteligência artificial, catástrofes ecológicas, e outros temas atuais e interessantes. Porém algumas extrapolações são ingênuas, como a AIDS determinando o surgimento de novas estruturas sociais (A Aristocracia Eletrônica) sem uma justificativa maior. A profundidade psicológica de um novo Hitler que surge (O Leite de Procusto) cai por terra quando o fato que lhe teria dado o impulso visionário se revela pueril como as situações dos filmes para adolescentes. Outro conto mostra bom desenvolvimento e final insípido (O Consertador), enquanto em vários outros o autor salta os momentos de melhor desenvolvimento dramático (Ícaro e o conto título), revelando pouco senso de 'timing'. Poucos personagens alcançam alguma transcendência. Pessoalmente também acuso a utilização de referências sexuais de mal gosto (Long-Dong).

Outro grave problema exibiu-se nos diálogos, onde há, em quase todos os contos, ao menos um exemplo de dois personagens compostos de um irado e um que o contemporiza. Isso é não saber controlar a própria fonte subconsciente, o que pode complicar a vida de qualquer autor, especialmente um como Flory, que se mostra muito dependente de diálogos. A coletânea carece de maior variação de cenários e situações. Os melhores trabalhos, por sinal, possuem essa variação, e são os menos acidentados, no aspecto ficcional. São Abraxas, uma inteligente metáfora ao maniqueísmo; Cíntia, onde a personagem alcança alguma transcendência através de um terceiro; Invasores?, bem desenvolvido, com boas idéias e com o tom de humor que perpassa a maioria dos contos finalmente definido; Amigos, onde a narrativa em primeira pessoa e a colocação do background encontram certo equilíbrio.

Sem dúvida as potencialidades do autor existem, especialmente nas reflexões e nas idéias tecno-científicas. Um leitor menos chato certamente irá ignorar a maioria de minhas ressalvas e alguns contos são hábeis em gerar real prazer de leitura. Até certo ponto eu o uso como bode expiatório para apontar um crasso problema da FC do Brasil no que tange à consistência science ficcional (uso esse termo meio kíbrico porque a língua inglesa permite essa aplicação e a portuguesa não). De onde ela vem? Da capacidade do autor em fundar os elementos FC - extrapolação científica e social - à narrativa literária e à profundidade dramática ou aos efeitos de humor. Também das ligações do background, dos cenários e da identificação psicológica dos personagens, a estacas tangíveis de referência sócio-cultural. De algum modo, que representa a mágica da FC, o mais desprendido vôo de imaginação deve cheirar à realidade, se não a do momento, ao menos uma fachada em si. Só assim o escritor de ficção científica efetiva a maior potencialidade do gênero: traduzir a realidade

Flory é um escritor jovem, e seu livro atesta sua imaturidade. Mas essa mesma juventude garante sua superação. Talvez ele e o editor devessem ter esperado mais algum tempo antes de lançar o livro, mas nota-se um aperfeiçoamento de conto para conto e você deve comprar o livro para compará-lo à futura ascensão de Flory como escritor. Ela virá.

- LEICA MODELO 1939, Rubens Teixeira Scavone, Folha de S. Paulo - Caderno Leitura, 7 de janeiro de 89. Ilustração de Darlon.

O Caderno Leitura dessa data publicou uma coletânea de contos de autores paulistanos, onde se incluía o conhecido pioneiro da FC dos anos 50 e 60.

Seu trabalho é uma fantasia contemporânea. Um homem recebe um pacote de um tio misterioso e excêntrico. Nele, uma antiga câmera capaz de, conforme ele descobre no desenrolar da história, fotografar o passado e o futuro. Scavone continua com seu estilo dos anos 60, de pesada adjetivação, acrescido nesse conto de um uso de referências ainda mais abusivo. O conto tem um clima interessante, lembrando o das histórias da série televisiva 'Além da Imaginação' (que tem um episódio de situação semelhante), com um 'gosto' paulistano muito acentuado e um final aberto que consegue ressoar na consciência do leitor.

Se esse é um conto escrito recentemente, Scavone não mudou muito no seu escrever. Continua dando prioridade ao tratamento sobre o roteiro, expondo sempre sua erudição. Seu estilo presta-se mais a esse tipo de história de fantasia que os da FC mais clássica, como os contos de sua coletânea Diálogo dos Mundos.

Esta coletânea do 'Leitura' ainda deve ser encontrada em bibliotecas e acessível a xerox.

Esta coluna tem por objetivo registrar e recomendar a leitura de FC, horror e fantasia por brasileiros, bem como não-ficção relacionada, abordando os mais recentes e os ainda localizáveis.

CLASSICS

DESTINO: LUA

Por MARCELLO SIMÃO BRANCO

Nesta edição, não poderíamos deixar escapar a oportunidade de comentar sobre algum filme relacionado à Lua. Desde 1929, com a fita A Mulher na Lua (Frau im Mond) do genial diretor expressionista alemão Fritz Lang, que o cinema não produzia um filme tão convincente sobre o assunto. Produzida pelo competente George Pal, o mesmo de Guerra dos Mundos (53) e A Máquina do Tempo (60), é uma adaptação da novela de Robert A. Heinlein, Rocketship Galileo (que acaba de ser traduzida em português pela Europa-América).

Destino: Lua foi o filme que iniciou o boom de grandes filmes de FC da década de 50. Teve apoio de cientistas, como o alemão Herman Oberth, para dar uma visão realista à possibilidade do ser humano chegar ao nosso satélite. Na época levada a sério apenas por uns poucos cientistas e escritores e fãs de ficção científica.

A história desenrola-se em torno de quatro homens - um construtor de aeronaves, um general engenheiro aeronáutico, um físico nuclear e um engenheiro de voo - que se reúnem para tornar real o maior sonho humano: chegar à Lua. Com apoio da iniciativa privada (demonstrando a descrença no Estado, uma marca do capitalismo americano), eles con-

struam um belo foguete aerodinâmico, impulsionado através de energia atômica que atingiria e voltaria do satélite, sem perda de nenhum de seus módulos.

É curiosa a maneira como eles convencem os setores industriais a financiar o projeto: um desenho animado didático, explicando como seria feita a viagem, com ninguém menos que o Pica-Pau (criação clássica do desenhista Walter Lantz) servindo como protagonista.

Apesar do apoio do setor privado, os problemas não tardam a aparecer, com o governo e a imprensa lançando uma campanha contra o "foguete radioativo", impedindo de todas as formas o lançamento. Que é feito às pressas, para não correr o risco de ser oficialmente proibido. Assim, sem preparo al-

gum, eles partem na nave "Luna", rumo ao nosso satélite natural. No meio da viagem, devido a problemas técnicos, a antena de radar apresenta problemas, e três deles deixam a nave para conservá-la, acontecendo incidentes que quase provocam o não retorno de um deles. Passado o susto, eles chegam finalmente ao seu destino, e tornam-se os primeiros seres humanos a pisar no árido terreno lunar, dezenove anos antes de Neil Armstrong - ao menos no mundo da FC.



As imagens lunares são deslumbrantes. Até hoje uma das mais realistas, graças ao trabalho do especialista Chesley Bonnestell.

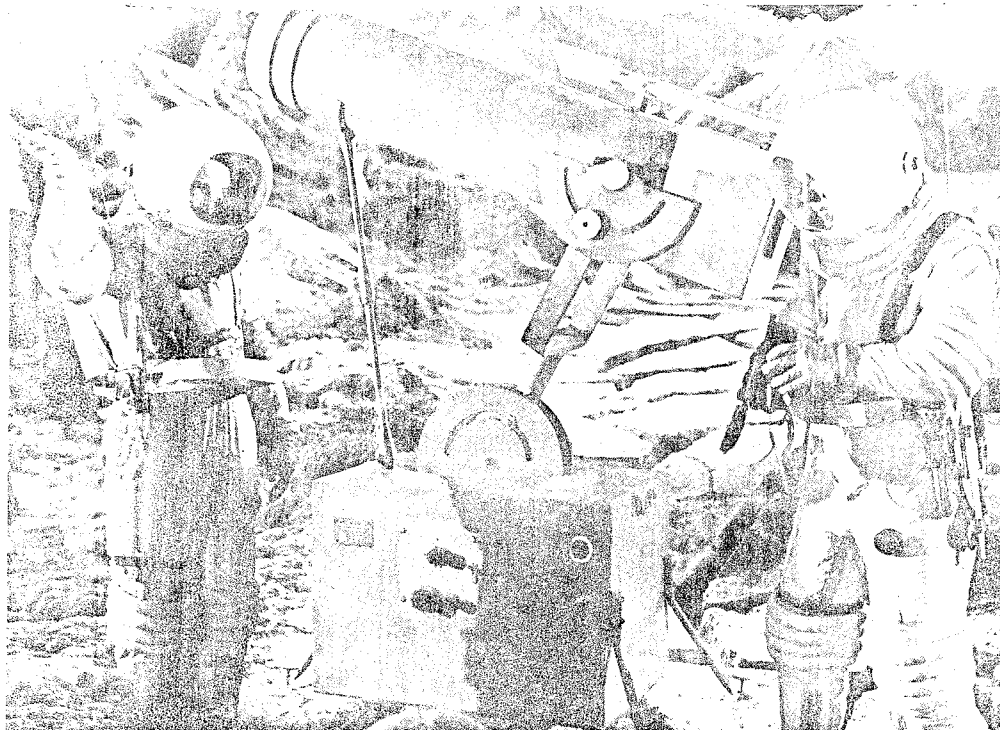
Para o retorno à Terra, um grande problema: eles precisam aliviar o peso da nave em uma tonelada, e além de livrarem-se de muitos equipamentos, tem de resolver o dilema de deixar um deles no inóspito mundo selenita. A fita é nos dias de hoje, modesta, e por vezes ingênua, mas no contexto histórico é ousada, pionei

ra e de caráter profético, como demonstra os dizeres de seu final: This is THE END of the beginning.

Outros filmes importantes no gênero foram feitos, como o já citado filme de Fritz Lang; Os Primeiros Homens na Lua (64) (First Men in the Moon - baseado em romance clássico de H.G. Wells) com direção de Natham Juram; No Assombroso Mundo da Lua (67) (Countdown), um ótimo drama de Robert Altman, e outros. Mas nenhum é mais representativo e clássico no gênero, quanto Destinação: Moon.

DESTINO: LUA (Destinação: Moon, EUA, 1950)

Direção: Irving Pichel; **Produção:** George Pal; **Roteiro:** Robert A. Heinlein, Rip Van Ronkel e James O'Hanlon, baseado na novela "Rocketship Galileo" (47), de Robert A. Heinlein; **Fotografia:** Lionel Lindon; **Música:** Leith Stevens; **Montagem:** Duke Goldstone; **Efeitos Especiais:** Lee Zavitz; **Arte Astronômica:** Chesley Bonnestell; **Consultoria Técnica:** Robert A. Heinlein e Hermann Oberth; **Sequência de Animação:** Walter Lantz; **Elenco:** John Archer, Warner Anderson, Tom Powers, Dick Wesson, Erin O'Brien-Moore; **Duração:** 91 minutos. Colorido.



A sequência da foto, com a Terra ao fundo, só que não aparece nesta.

20 ANOS DO INÍCIO DA MAIOR AVENTURA HUMANA

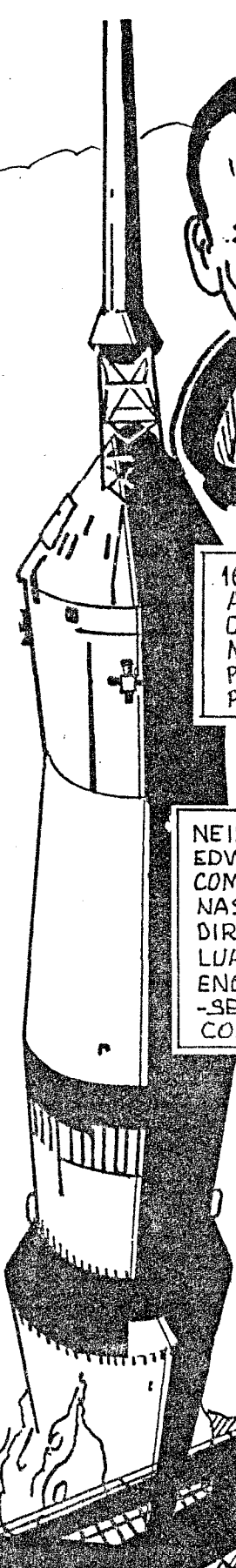
DESTINO: LUA

COLLINS

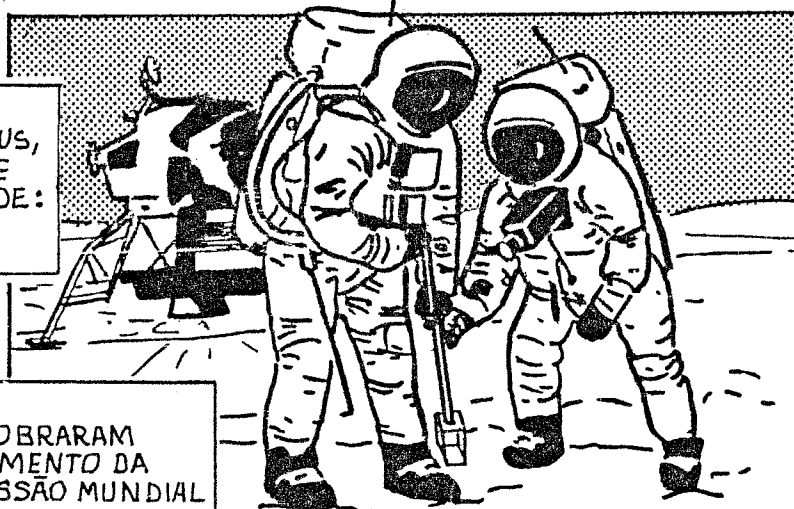
ARMSTRONG

ALDRIN

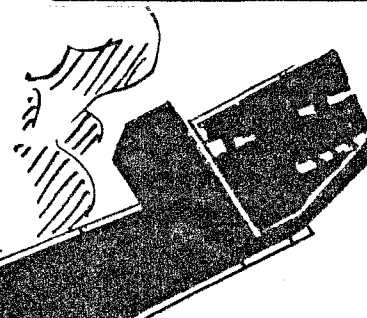
CE
RI
TO
89



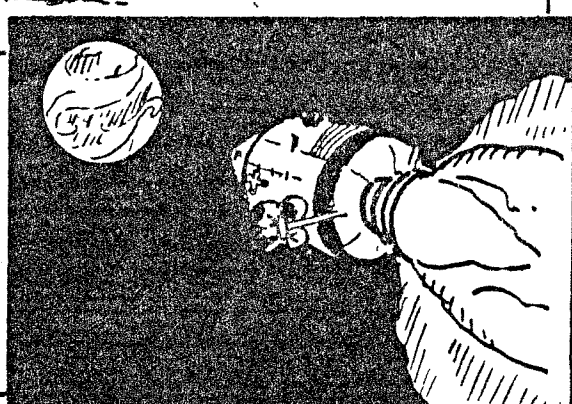
16 DE JULHO DE 1969.
A APOLO 11 SOBE AOS CÉUS,
COM A MAIS IMPORTANTE
MISSÃO DA HUMANIDADE:
POUSAR NA LUA PELA
PRIMEIRA VEZ!



NEIL ARMSTRONG, E
EDWIN ALDRIN JR. MANOBRARAM
COM PRECISÃO O EQUIPAMENTO DA
NASA E COM TRANSMISSÃO MUNDIAL
DIRETA VIA TV, DESENBARCARAM NA
LUA NO DIA 20 DO MESMO MES,
ENQUANTO MICHAEL COLLINS MANTINHA-
-SE EM ÓRBITA, NO MÓDULO DE
COMANDO.



A APOLO 17 FOI A DERRADEIRA
EXPEDIÇÃO, PERMANECENDO NA
LUA O RECORD DE 72 HORAS.



"UM PEQUENO PASSO
PARA UM HOMEM;
UM GRANDE PASSO
PARA A HUMANI-
DADE."

N. ARMSTRONG

OS EQUIPAMENTOS E MARCAS DEIXADOS
NA LUA ATESTAM, PARA A ETERNIDADE,
A OUSADIA DO FRÁGIL SER HUMANO EM
DOMINAR O COSMO.